

JORNALISMO CIENTÍFICO E CULTURAL - Nº 12 - DEZ/2021

# ARCO

## UFSM

### 60 ANOS DA UFSM: PASSADO, PRESENTE, FUTURO

#### PASSADO

Inovação e internacionalização marcam história da pesquisa

#### PRESENTE

Geoparques gaúchos buscam reconhecimento pela Unesco

#### FUTURO

Agenda 2030 da ONU é base do compromisso sustentável

# A ciência mais perto de você!



**UFSM**  
Divulga  
Ciência



# CARTA DOS EDITORES

Esta é uma edição especial da Arco: produzimos uma revista dedicada a celebrar os 60 anos da UFSM, completados em dezembro de 2020. Não só no dossiê, mas em todo este 12º número, nossas reportagens mesclam passado, presente e futuro, evidenciando pessoas, projetos e pesquisas relevantes da nossa história institucional.

O **passado** da Universidade, desde sua origem, está na seção Como Surgiu, nos quadrinhos sobre a extinta boate do DCE, na indicação de quatro obras sobre a UFSM, nas comparações de temporalidade de imagens no Ensaio do professor Rafael Beltrame, nas Recordações de Rodrigo Kuaray Mariano, egresso de Direito, e de Andressa Motter, egressa de Jornalismo e ex-repórter da Arco. O passado também se faz presente na primeira etapa do dossiê, focado nas décadas iniciais de pesquisa da nossa instituição.

O **presente** se traduz na importância dos Geoparques para o desenvolvimento da comunidade regional, mas também em iniciativas recentes, como o programa Rede Básica, voltado para o uso das mídias na educação, e o Auftek, dispositivo criado por estudantes do doutorado em Engenharia Elétrica para detectar bactérias.

Para discutir o **futuro**, fizemos um exercício de reflexão de como será a Instituição em 2030, a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Projetamos, com a ajuda de especialistas, avanços no uso da energia. Quem também apresenta uma versão alternativa de futuro é o professor Enéias Tavares, que, a convite da Arco, redigiu 'Conexão Retrofuturista' para nossa seção Escritos.

O sexagésimo aniversário da Universidade foi celebrado no momento em que vivemos a pandemia da Covid-19. Por isso, um projeto desenvolvido a partir do cenário pandêmico foi destacado em uma entrevista com a professora Terimar Moresco, sobre o UFSM Detecta, projeto do campus de Palmeira das Missões; e na editoria Volver, apresentando a carreira de Deisy Ventura, egressa da instituição e atualmente docente da USP. Ela tem sido referência durante a crise sanitária da Covid-19 no Brasil em temas relacionados aos direitos humanos.

O coronavírus fez com que questões científicas se aproximassem de todos os cidadãos e passassem a ser o principal assunto nas nossas vidas desde março de 2020. Dessa forma, a crise provocada pela Covid-19 fez com que as universidades públicas realçassem qual é a importância da ciência para ajudar na solução de problemas sociais, pois são os pesquisadores dessas instituições que têm buscado responder às angústias e aos anseios da sociedade para a superação da pandemia.

A Arco, há mais de oito anos, tem como missão popularizar as pesquisas e projetos da UFSM. Em 2021, juntamente com um grupo de colegas comunicadores da instituição, resolvemos expandir este desafio por meio de um projeto estratégico chamado UFSM Divulga Ciência, que visa propor ações para divulgar as pesquisas desenvolvidas na Universidade. O papel dos nossos pesquisadores é fundamental nessa empreitada, pois pretendemos diminuir o desconhecimento da comunidade em relação ao que se faz dentro da instituição, para que a universidade pública e a ciência brasileira recebam a valorização devida. Esta edição chega, portanto, para demonstrar a potência da nossa instituição, que desde 1961 tem buscado criar e fortalecer o vínculo entre a academia e a sociedade. Boa Leitura!

*Luciane Treulieb e Mauricio Dias*  
Editores da Arco

Ilustração e Diagramação: Luiz Figueiro



# SUMÁRIO

## 07 CURIOSIDADES

Saiba por que a UFSM é considerada a “Sorbonne do Sul” e outros fatos pitorescos da Universidade

## 08 NOSSAS INVENÇÕES

Alunos criam aparelho inovador capaz de identificar a contaminação bacteriana

## 09 EXTENDA

Pré-Universitário Popular Alternativa democratiza o acesso ao Ensino Superior

## 10 COMO SURTIU

Confira a história das universidades e sua evolução até os dias atuais



## 32

### VOLVER

Egressa da UFSM é vanguardista no estudo de pandemias sob o olhar das ciências sociais



## 34

### ENSAIO

Imagens fundem fotografias antigas e atuais da UFSM

# 19 DOSSIÊ

60 anos da UFSM: incentivo à pesquisa, desenvolvimento local e sustentabilidade fazem parte da história da instituição

## 20

### PASSADO

Inovação e internacionalização marcam as bases da história da pesquisa na UFSM

## 24

### PRESENTE

Geoparques gaúchos buscam reconhecimento pela Unesco

## 26

### FUTURO

UFSM se compromete com a sustentabilidade com base na Agenda 2030 da ONU





# 30

## QUADRINHOS

Boate do DCE continua presente na memória santa-mariense

## 12 DIÁRIO DE CAMPO

Professor Gianfábio Franco relata experiência no Projeto Rondon no Piauí

## 16 ENTREVISTA

Coordenadora do UFSM Detecta apresenta projeto referência em testagens da Covid-19

## 18 EDUCAÇÃO

Rede Básica busca diminuir a desigualdade no acesso à educação durante a pandemia

## 33 EDITORA UFSM

Quatro livros narram a trajetória da Universidade ao longo dos 60 anos

## 37 RECORDAÇÕES

Egresso reflete sobre o Direito como ferramenta de luta dos povos indígenas

## 38 ESCRITOS

Em conto, Enéias Tavares vislumbra a conexão entre épocas em uma UFSM do futuro



ARCO 

Revista de Jornalismo Científico e Cultural  
da Universidade Federal de Santa Maria

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Paulo Afonso Burmann | Vice-Reitor Luciano Schuch

### CONSELHO EDITORIAL

**Amanda Eloina Scherer** | Professora do Departamento de Letras Clássicas e Linguística

**Andressa da Silveira** | Professora do Departamento de Ciências da Saúde – Campus Palmeira das Missões

**Beatriz Teixeira Weber** | Professora do Departamento de História

**Daniel Arruda Coronel** | Diretor da Editora, Livraria e Grife UFSM

**Debora Ortiz de Leão** | Professora do Departamento de Administração Escolar

**Eduarda Paz Trindade** | Acadêmica de Ciências Sociais e representante do Diretório Central das e dos Estudantes

**Flavi Ferreira Lisboa Filho** | Pró-Reitor de Extensão

**Gabriela Trevisan dos Santos** Professora do Departamento de Fisiologia e Farmacologia

**José Neri Gottfried Paniz** | Professor do Departamento de Química

**Lana D'ávila Campanella** | Professora do Departamento de Ciências da Comunicação – Campus Frederico Westphalen

**Larissa Montagner Cervo** | Coordenadora da Coordenadoria de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino – Prograd

**Lúcio Strazzabosco Dorneles** | Coordenador de Propriedade Intelectual – Aggitec

**Maisa Pimentel Martins Corder** | Professora no Centro de Ciências Rurais

**Marcelo Freitas da Silva** | Coordenador da Educação Básica, Técnica e Tecnológica

**Marcia Gonzales Feijó** | Professora do Departamento de Desportos Individuais

**Marilise Escobar Bürger** | Professora do Departamento de Fisiologia e Farmacologia

**Maurício Dias Souza** | Coordenador de Comunicação da UFSM

**Paulo Cesar Piquini** | Coordenador da Coordenadoria de Iniciação Científica – PRPGP

**Raul Ceretta Nunes** | Professor do Departamento de Computação Aplicada

**Vanessa Teresinha Alves** | Professora da Coordenadoria Acadêmica – Campus Cachoeira do Sul

### EXPEDIENTE

#### Editora-chefe

Luciane Treulieb (MTb/RS 13.260)

#### Editor-chefe

Maurício Dias (MTb/RS 9681)

#### Editora de Produção

Esther Klein (acadêmica de Jornalismo)

#### Direção de Arte

Renata Costa (acadêmica de Produção Editorial)

#### Repórteres

Alice dos Santos, Bernardo Salcedo, Eduarda Paz, Eloize Moraes, Esther Klein, Lucas Felipe Silva, Luís Gustavo Santos, Paula Appolinario, Rebeca Kroll e Samara Wobeto (acadêmicos de Jornalismo)

#### Criação e Diagramação

Filipe Duarte, Luiz Figueiró, Noam Wurzel e Yasmin Costa Faccin (acadêmicos de Desenho Industrial), Renata Costa (acadêmica de Produção Editorial)

#### Mídias Sociais

Caroline Souza, Eloize Moraes e Samara Wobeto (acadêmicas de jornalismo)

#### Colaboradores

Augusto Paim (editor convidado em Quadrinhos), Andressa Motter (Extenda), Enéias Tavares (Escritos), Gianfábio Franco (Diário de Campo), Rafael Beltrame (Ensaio), Rodrigo Mariano (Recordações)

#### Revisão

Alcione Manzoni Bidinoto

#### Revista Arco

Telefone e WhatsApp: (55) 99106-7935

E-mail: arco@ufsm.br

Site: ufsm.br/arco

Facebook: www.facebook.com/RevistaArco/

Instagram: www.instagram.com/revistaarco/

Twitter: twitter.com/revistaarco

UFSM | Av. Roraima, 1000 | Cidade Universitária

Bairro Camobi | Prédio 62 B – Casa da Comunicação | CEP 97105-900 | Santa Maria – RS | Brasil

Distribuição: Gratuita | Tiragem: Cinco mil exemplares

Impressão: GDD Editora Gráfica LTA

## POSICIONAMENTO INSTITUCIONAL

# UFSM: 60 ANOS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO A SERVIÇO DA SOCIEDADE

*\*Por Paulo Afonso Burmann*

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que completou em 2020 seus 60 anos, tem se desenvolvido a partir de uma gestão pública inovadora, de diálogo, democrática e planejada para melhor investir os recursos públicos em ensino, pesquisa e extensão, em nome da coletividade. Essas ações foram delineadas, com a mais expressiva participação da comunidade, a partir do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e do Plano de Gestão, ambos com metas e indicadores claros. A UFSM é uma universidade pública, de todas as ideologias, crenças, cores, gêneros, raças e etnias, que aposta em políticas públicas para educação, ciência e tecnologia. É a 10ª universidade do mundo em produção científica feita por mulheres. Está entre as 300 mais inclusivas do mundo e figura entre as 14 melhores do Brasil. Tem um dos maiores e melhores programas de Assistência Estudantil da América Latina e é a universidade mais empreendedora e inovadora do Sul do país, ocupando a 9ª posição no ranking de universidades empreendedoras brasileiras. É, ainda, a 25ª universidade mais sustentável do Brasil e a 2ª entre as universidades federais no Rio Grande do Sul (Green Metrics 2020).

Com mais de 27 mil estudantes e 6 mil trabalhadores, já formou mais de 180 mil profissionais, grande parte exercendo liderança ativa junto às suas comunidades. Tem uma produção científica de alto nível, que contribui para a formação de cientistas, fomenta um parque científico, tecnológico e de inovação, com 39 empresas de base tecnológica incubadas e mais de 30 empresas juniores, as quais, no conjunto, geram mais de 300 empregos diretos. Isso coloca a UFSM como a instituição mais atuante na criação de um robusto ecossistema voltado ao desenvolvimento regional. Em termos de internacionalização, a UFSM tem forte inserção, com foco na troca de experiências com países de todos os continentes, o que lhe confere posições de liderança e destaque nacional e internacional nesse quesito. As projeções reais indicam fortemente que a instituição está a um passo de alcançar o IGC 5 (Ministério da Educação), ainda

em 2022, para se classificar como universidade de excelência.

Além disso, é um polo de agrotecnologia voltado ao setor produtivo da pequena, média e grande propriedade. Atua em áreas de energias alternativas, em pesquisas em biocombustíveis, energia eólica e fotovoltaica, em projetos estratégicos de tecnologia para a defesa nacional. Tem excelência em petroquímica, novos materiais para saúde e engenharias, processamento de alimentos, tecnologia aeroespacial e de telecomunicações, clima e alterações climáticas; já são dois nanossatélites em operação no espaço, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e com a Agência Espacial Brasileira (AEB).

Durante a pandemia iniciada em 2020, a UFSM atuou fortemente no combate ao coronavírus e garantiu o ensino remoto para a totalidade dos seus estudantes, consciente das dificuldades e prejuízos, mas firme nas suas convicções e responsabilidades. A instituição mantém uma estrutura que lhe permitiu realizar mais de 100.000 testes RT-PCR para detecção do coronavírus, gratuitamente a toda a rede pública de saúde do Rio Grande do Sul. É responsável, juntamente com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), pelo Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). Inserido no SUS, o HUSM é o maior hospital público do interior do Rio Grande do Sul, dando cobertura a uma população regional estimada em 2 milhões de pessoas,

Tudo isso em meio a uma crise orçamentária que se agrava a cada ano. Desde 2014, os cortes orçamentários representaram uma queda aproximada de 350 milhões de recursos, que teriam sido investidos na instituição e estariam circulando na economia local e regional. É neste cenário que, apostando na determinação, no comprometimento e na atenção de servidoras e servidores públicos da educação, de estudantes e da comunidade regional, seguiremos lutando em defesa da universidade pública, democrática, inclusiva e gratuita e mantendo a convicção de prestar o melhor serviço de ensino, pesquisa e extensão, para servir e atender às demandas da sociedade.

*Ilustração e Diagramação: Noam Wurzel*

*\*Reitor da UFSM*



## POR QUE A UFSM FOI CONSIDERADA A SORBONNE DO SUL POR JOSÉ MARIANO DA ROCHA?

Escrito na década de 1960, o hino institucional da UFSM cita em sua primeira estrofe: “A criança dos campos da serra cresceu forte, sadia e gentil e em ti, ó Sorbonne do sul, aprendeu a amar o Brasil”. Com quase 800 anos de existência, a Universidade de Sorbonne, na França, é uma das mais tradicionais universidades da Europa. Mas qual sua relação com a UFSM? De acordo com Eugenia Barichello, filha do ex-reitor e fundador da UFSM, José Mariano da Rocha, seu pai nutria enorme admiração pela Universidade de Sorbonne por ser um exemplo mundial de qualidade nas diferentes áreas de conhecimento. Curiosamente, outro motivo para a escolha dessa referência se deu porque, até o final do século 20, acreditava-se que a universidade francesa era a mais antiga do mundo, fato que foi corrigido posteriormente, migrando-se o título para a Universidade de Bologna, na Itália.

## ONDE FOI A PRIMEIRA REITORIA DA UFSM?

Durante os primeiros anos da construção da Cidade Universitária em Santa Maria, não havia um espaço onde o reitor José Mariano da Rocha Filho pudesse receber seus visitantes, realizar reuniões e discutir sobre o desenvolvimento da obra da Universidade. Foi então que, em 1964, o professor Luiz Gonzaga Isaia decidiu criar uma pequena casa de madeira que funcionasse como um ambiente para o reitor recepcionar convidados e também como um Escritório de Obras. A ideia de Isaia foi concretizada pelo carpinteiro Adalberto dos Santos Ferraz em agosto daquele ano. Assim, surgiu a primeira Reitoria da UFSM. A casinha é simples, com telhas de cimento-amianto, tábuas de madeira horizontais e apenas um espaço em seu interior, que é ligado a um sanitário limitado. Depois de ter sediado a primeira reitoria, a casinha de madeira tornou-se o espaço dos Correios e Telégrafos da Cidade Universitária e, depois, sediou o Serviço de Vigilância do Campus, que permanece até hoje.

## CURIOSIDADES

# VOCÊ SABIA? É VERDADE QUE...?

*A cada edição, a seção Curiosidades responde àquelas questões que você sempre quis saber se eram mitos ou verdades e conta histórias singulares sobre a UFSM*

## VOCÊ SABIA QUE ANA PRIMAVESI, PIONEIRA NOS ESTUDOS EM AGROECOLOGIA, TRABALHOU NA UFSM?

Era 1961 quando Ana Maria Primavesi mudou-se para Santa Maria, juntamente com os filhos e o marido, Artur. Até 1974, o casal de engenheiros agrônomos lecionou na recém-fundada Universidade de Santa Maria. Aqui, ela pesquisou sobre produtividade de solos, deficiências minerais e agrostologia. Comandou o laboratório de biologia e análise de solos. Motivou a criação do Programa de Pós-Graduação em Biodinâmica do Solo em 1971. Foi pioneira nos estudos do solo e agroecologia, temas que originaram 12 livros. Antes de vir ao Brasil, Ana Maria era Annemarie Conrad, nascida em 3 de outubro de 1920, em meio às montanhas da Estíria, na Áustria. Graduiu-se em Boku, Universidade Rural para Agricultura e Ciências Florestais. Era uma das três mulheres entre cem alunos. A época da faculdade coincide com o período da Segunda Guerra. Perdeu dois irmãos em combate. Mãe, pai e irmãos foram para campos de concentração. Ela também, na tentativa de libertar o pai. Em liberdade, após nove meses presa, casou-se com Artur Primavesi. Dois anos depois, em 1948, o casal mudou-se para o Brasil. Ana Maria Primavesi inspirou a criação da Feira Orgânica que leva seu nome em Santa Maria. Ela morreu em 5 de janeiro de 2020, em consequência de problemas no coração.

Reportagem: Alice dos Santos, Luiz Gustavo Santos Jr. e Samara Wobeto · Ilustração e Diagramação: Filipe Duarte  
Mande sua dúvida ou conte a sua história curiosa relativa à UFSM para nós: arco@ufsm.br.

# INOVAÇÃO NO RECONHECIMENTO DE BACTÉRIAS

*Dispositivo criado por alunos da UFSM automatiza e reduz o tempo de análise para a identificação de microorganismos*

Reportagem: Rebeca Kroll  
Diagramação: Renata Costa  
Ilustração: Amanda Pinho



Conhecimentos de engenharia aplicados à análise microbiológica foram a base para que os alunos de mestrado e doutorado em Engenharia Elétrica da UFSM Adriano Jaime e Charles Habb desenvolvessem um dispositivo inovador. Sob a orientação do professor Juliano Barin, pesquisador em Tecnologia e Ciência de Alimentos, os alunos foram capazes de identificar contaminação bacteriana em poucas horas. Eles pensaram em trazer uma solução útil e com impacto social para o problema levantado pelo Laboratório de Tecnologia de Alimentos da universidade: o tempo necessário para se identificar o contágio bacteriano.

Diferentemente do método tradicional, conhecido como método da contagem em placas, o qual necessita da observação a olho nu por dias para saber se houve infecção, o dispositivo oferece uma resposta rápida, precisa e barata, através de uma instrumentação eletrônica. Atualmente, ele está sendo desenvolvido para aplicações em alimentos como o leite e determinação da presença da bactéria Salmonella, principal causadora de infecções alimentares, em ração animal.

“Existe um leque de aplicações, nada impede que o instrumento seja utilizado em outros segmentos: na saúde, por exemplo, para saber se há contaminação no sangue; em frigoríficos, para fazer o controle ambiental; na indústria alimentícia, pode ser usado em restaurantes ou em supermercados. Quanto mais vamos pesquisando, descobrimos várias outras áreas em que ele pode ser aplicado”, conta Adriano.

Outro benefício do aparelho é o seu fácil uso: não é necessário o auxílio de técnicos ou ter qualquer conhecimento específico para utilizá-lo — ele é 100% automatizado. Para Adriano, esse

é o principal diferencial do equipamento. Só é necessário fazer a coleta, apertar um botão e, em poucas horas, o cliente já tem o resultado.

O projeto, que faz parte da tese de doutorado de Charles, é inovador, pois promove a junção entre a eletrônica e a tecnologia. Adriano explica que eles não criaram um instrumento novo, e sim um novo método de análise: “O procedimento, que já existe, é usado para outras coisas. Nós trouxemos ele para a contagem bacteriana; é aí que está a nossa inovação”.

A partir do projeto, os engenheiros decidiram fundar a *startup* Auftek e inscreveram a proposta para o Programa Centelha, promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, o qual visa estimular a criação de empreendimentos inovadores e disseminar o empreendedorismo no Brasil. Dentre as 784 propostas submetidas ao programa em janeiro de 2020, o dispositivo ficou entre as 28 contempladas e recebeu recursos financeiros e suporte para transformar sua ideia em um negócio de sucesso.

Adriano relata que o investimento do programa foi muito importante para a continuação das pesquisas em meio à pandemia da Covid-19 — com os laboratórios da UFSM fechados, eles tiveram que comprar boa parte do material. O dispositivo também foi contemplado pelo Programa Techfuturo, parceiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs). Com esses investimentos, a *startup* conseguiu montar nove protótipos do dispositivo, e os pesquisadores pretendem ter um produto mínimo viável validado e em funcionamento para comercialização até janeiro de 2022.

1

Dois tubos são preparados com o mesmo meio de cultura — que é o que dá condição de as bactérias se proliferarem, mas a amostra só é colocada em um deles.



2

Ambos tubos são colocados no equipamento, o qual compara se existe uma alteração elétrica entre o tubo sem e o com a amostra.



3

Por não haver necessidade de contagem manual, esse novo método eletrônico já consegue detectar e mensurar a alteração no momento em que ocorre.



# EDUCAÇÃO POPULAR COMO ALTERNATIVA

*Há 21 anos, cursinho popular da UFSM democratiza o acesso dos santa-marienses ao ensino superior*

As noites no prédio da Antiga Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no centro da cidade, têm um movimento diferente — não só de alunos universitários, mas de quem ainda quer chegar lá. Nos corredores do 6º andar, as expectativas e dúvidas sobre a temida prova do Enem e a faculdade são as mesmas, do jovem de 18 que está no ensino médio à senhora de 60 que decidiu voltar a estudar.

Desde 7 de março de 2000, o Pré-Universitário Popular Alternativa democratiza o acesso ao ensino superior de pessoas sem condições financeiras para pagar um cursinho particular. Até hoje, mais de 3 mil vagas já foram abertas. Além disso, possibilita que acadêmicos de graduação e pós-graduação da UFSM e de outras instituições ganhem experiência em sala de aula, como educadores.

O projeto é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, que abriga o cursinho e cuida do financeiro. Já o Laboratório de Metodologia de Ensino (Lamen), órgão do Centro de Educação, orienta a parte político-pedagógica. Na coordenação executiva, responsável por gerir o espaço físico, os educandos e educadores, estão alunos bolsistas da UFSM e voluntários.

“É um lugar acolhedor, onde você não só recebe conteúdo, mas compartilha conhecimentos e troca experiências com pessoas que estão na faculdade, o que é muito positivo para estarmos preparados”, diz Vinicius dos Santos Borges, que foi aluno do Alternativa, passou no Enem e hoje cursa Engenharia Florestal na UFSM — seu sonho.

Fui professora de redação do Vinicius na segunda passagem dele pelo cursinho, em 2019. Na turma, o olhar crítico e as experiências de vida, que muitos compartilhavam, davam rumo aos debates sobre temas atuais — como trabalho informal, situação indígena e saúde mental — que depois virariam

redações. As correções, ao longo do ano, diminuam. As notas aumentavam. E era visível o orgulho deles com a própria evolução.

O projeto, pautado pela educação popular, também oferece atividades extracurriculares e formações pedagógicas para educandos e educadores. A equipe de biologia, por exemplo, fazia o *Sábado da Biologia*, com aulas práticas nos laboratórios da UFSM. Em 2020, com aulas a distância devido à pandemia do coronavírus, encontros online abordaram educação sexual e desastres ambientais.

Atualmente, 120 novos alunos ingressam por ano, selecionados de acordo com critérios socioeconômicos. Cerca de 50 chegam até o final. Muitos acabam desistindo porque precisam procurar emprego, ajudar financeiramente em casa ou não têm dinheiro para a passagem de ônibus. “Nossa principal dificuldade continua sendo a evasão ao longo do período letivo”, diz Júlia Bolzan Cardoso, uma das coordenadoras do pré-universitário.

Para Vinicius, o cursinho representa exatamente o que está em seu nome: a alternativa para os santa-marienses que não têm condições de pagar um cursinho particular. “Cada um que faz parte do projeto faz por que ama, pois são todos voluntários. Muitos ex-alunos que foram beneficiados voltam como professores para fazer a sua parte em retribuição e gratidão”, diz o ex-aluno.

Depois do Enem 2019, recebi mensagens de alguns alunos felizes com o desempenho na prova e na redação. Não havíamos debatido em aula sobre o tema daquele ano, o acesso ao cinema, mas eles sabiam o que fazer. E essa é a essência da educação popular: acolher, preparar e abrir caminhos. Vida longa ao Alternativa!

Repórter: Andressa Motter (jornalista formada pela UFSM que foi professora de redação no Alternativa em 2018) • Diagramação e ilustração: Yasmin Faccin

## COMO SER ALUNO DO ALTERNATIVA?

O edital de seleção de alunos é aberto no início de cada ano. Ele é divulgado no site e no Facebook do Alternativa e no site da Pró-Reitoria de Extensão. O processo conta com a inscrição — envio do formulário socioeconômico e outras documentações — e entrevistas com os candidatos.



# COMO SURTIU?

# O DESPERTAR DO CONHECIMENTO

*A universidade surgiu na Europa medieval.  
No Brasil, a consolidação do ensino superior  
ocorreu apenas no século 20*

Uma das instituições mais antigas do mundo é a universidade. Ingressar nela é o sonho para 17,2 milhões de brasileiros, conforme dados de 2018 da Associação Brasileira de Estágios. No entanto, poucos conhecem sua história. Confira a seguir como as primeiras universidades surgiram e sua evolução até os formatos atuais.

## AS PRIMEIRAS UNIVERSIDADES DO MUNDO

As primeiras instituições do Ocidente surgiram na Idade Média e espalharam-se rapidamente por toda a Europa. Essa época foi marcada pelo renascimento das cidades, crescimento do comércio e pela influência das escolas do século XII. Tudo isso levou à necessidade de se criar um novo espaço de construção e preservação do conhecimento. As primeiras universidades foram a de Bolonha, na Itália, fundada em 1088, e a de Paris, na França, em torno de 1200. Após alguns anos, surgiram instituições de ensino superior de Oxford, Nápoles, Cambridge, Montpellier, Coimbra e Lisboa.

## EDUCAÇÃO SUPERIOR MEDIEVAL

A Universidade de Paris recebeu o título de *studium generale*, ou seja, Estudos Gerais, concedido somente às instituições que possuíam as quatro faculdades: Artes, Teologia, Decretos e Medicina. A educação universitária se preocupava em dominar os conhecimentos encontrados em livros e os considerava como verdades absolutas. Não havia um ponto de vista crítico nem inovador. No entanto, os livros eram raros e caros nesse período. Por isso, as aulas se davam a partir da leitura das obras pelos mestres e por meio de debates públicos. Assim, a educação era muito mais voltada para o domínio dos discursos formais e da argumentação do que para a aquisição de saberes.

## HERANÇAS E TRADIÇÕES

Apesar de os modelos universitários atuais serem muito diferentes dos de antigamente, ainda mantêm características e tradições daquele período. Por exemplo, as nomeações e as diferenças entre bacharelado, licenciatura, mestrado e doutorado. As noções de créditos ou horas necessários para a conclusão de curso, bem como as bancas avaliadoras datam da Idade Média. Algumas instituições antigas mantiveram tradições seculares – na Universidade de Coimbra, por exemplo, é possível encontrar resquícios das vestimentas medievais. Até hoje, são usadas longas capas pretas pelos estudantes, característica adotada pela escritora J. K. Rowling ao descrever as vestimentas dos personagens na saga Harry Potter.





### O SURGIMENTO NO BRASIL

O sistema universitário foi trazido para a América Espanhola no século 16, com instituições no México, Chile, Cuba e Argentina. No Brasil, o ensino superior só chegou três séculos depois. Durante a colonização portuguesa, a Companhia de Jesus era responsável pela educação, e seu objetivo era a difusão da fé católica. Alterações significativas só ocorreram com a vinda da Corte Portuguesa, em 1808. Surgiram o Curso de Cirurgia da Bahia, a Escola de Direito em Olinda, a Faculdade de Direito de São Paulo, o Curso de Medicina no Rio de Janeiro e a Escola Nacional de Engenharia. Após a Independência e a Constituição de 1824, discutiu-se a necessidade do sistema nacional de educação. O ensino superior só foi instalado em 1930.

### MAIO DE 68

Demandas estudantis marcaram a década de 60 e ocasionaram grandes mudanças sociais e políticas mundialmente. O movimento conhecido como Maio de 1968 teve início na França e consistiu em uma série de protestos por parte de jovens universitários que exigiam reformas no sistema educacional. Os eventos também atingiram a classe trabalhadora, ao provocar a maior greve geral da Europa. Os ideais do movimento foram o estopim para uma grande revisão de valores da época fortalecendo demandas em diversos países. No Brasil, por exemplo, o movimento impulsionou os opositores da ditadura militar e incentivou a união na Passeata dos Cem Mil, que marcou a reação contra o regime.

### MODELOS UNIVERSITÁRIOS MODERNOS

O século 20 foi marcado por profundas transformações no ensino superior: em vez de se aceitar passivamente os ensinamentos, passou-se a estimular questionamentos. A universidade deu voz a novas áreas, ganhou mais autonomia e se consolidou como esperança de transformação socioeconômica. Somente entre as federais no Brasil, são mais de 1,2 milhão de estudantes e mais de 191 mil servidores, entre técnicos e professores. Para a pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM Eugenia Barichello, “a sociedade descobriu que a universidade poderia auxiliá-la em problemas específicos; a partir de então a universidade passa a ter um compromisso social mais efetivo”.

### ORIGENS DA UFSM

A Universidade Federal de Santa Maria, fundada em 1960 pelo professor José Mariano da Rocha Filho, foi a primeira instituição federal criada fora de uma capital. A UFSM liderou o movimento de interiorização, apesar da resistência das situadas nas capitais, nas quais eram feitos os maiores investimentos. Logo a partir disso, como observa a professora Eugenia, a UFSM definiu sua vocação como uma universidade comprometida com a realidade social, com a educação formativa e permanente à população do interior e, posteriormente, aos estudantes dos mais diversos lugares do Brasil.

Reportagem: Rebeca Krol • Diagramação e ilustração: Renata Costa



DIÁRIO DE CAMPO

# CIDADANIA EM EXTENSÃO

*Professores e estudantes da UFSM participam do projeto Rondon,  
o maior projeto de extensão do Brasil*

“É uma lição de vida e até de cidadania”. O trecho do poema escrito por Rômulo Chaves, compositor de Palmeira das Missões, descreve o lema do projeto Rondon. O poema foi um pedido do amigo, professor do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM Campus Palmeira das Missões, Gianfábio Pimentel Franco, como forma de homenagem à participação da Universidade na edição de 2019, da qual ele fez parte.

Criado em 1967 pelo Governo Federal, o projeto Rondon visa contribuir para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes. Isso é feito através de uma parceria entre diferentes ministérios, governos estaduais e municipais e instituições de ensino superior. A iniciativa envolve a participação de professores e estudantes na execução de ações que utilizam habilidades dos universitários para colaborar com o bem-estar social, a gestão pública e a qualidade de vida dos moradores do local onde elas ocorrem. Para os estudantes, além de favorecer a vida acadêmica, a experiência é uma oportunidade de vivenciar outras culturas e realidades, bem como desenvolver responsabilidade social e coletiva.

Nas duas primeiras décadas, o projeto Rondon envolveu 350 mil universitários em todas as regiões do país. Ainda em seus anos iniciais, ele se conecta com a história da UFSM de maneira muito direta: em 1969, Mariano da Rocha Filho, criador

da Universidade e reitor vigente da época, participou como conselheiro do projeto. Após, Mariano teve interesse em fazer com que as ações rondonistas fossem mais eficazes na região. Assim, criou o Campus Avançado de Boa Vista, em Roraima. Dessa forma, todo mês, acadêmicos da UFSM iam até o Campus Avançado trabalhar e dar continuidade aos serviços prestados, principalmente nas áreas de saúde e educação. Isso aconteceu até o fechamento da sede, em 1985, mas a parceria com o estado ficou registrada através do nome da “Avenida Roraima”, coluna espinhal do campus da UFSM Santa Maria.

Em 1989, o projeto Rondon foi extinto e, posteriormente, retomado em 2004. Desde então, ocorreram mais de 80 operações, as quais contemplaram 1.213 municípios e envolveram 22.897 rondonistas e mais de dois milhões de beneficiados. Em 2019, entre os dias 11 e 28 de julho, dois professores do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM Palmeira das Missões, acompanhados de oito acadêmicos dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Educação Especial, Direito e Dança, participaram da Operação João de Barro do Projeto Rondon, no município de Santa Rosa do Piauí. Como comentado antes, entre eles estava o professor Gianfábio, que conta, neste diário, como foi participar da última edição presencial da maior ação extensionista do país.

## NOSSOS MESTRES TÊM DESTINO DE SAIR EM EMPREITADA\*

Participar de um projeto dessa magnitude nos impõe diversas demandas — sejam pessoais e/ou profissionais. Em primeiro lugar, é árdua a tarefa de se dispor. Nos meses de julho, comumente as operações nacionais convergem com as férias escolares e universitárias — e, delas, abdica-se, para geralmente se deslocar para estados com condições sociais, econômicas, culturais e climatológicas opostas às nossas.

Difícilmente há tempo hábil de preparação, pois, a partir da seleção do edital da instituição e do Ministério da Defesa, há no máximo seis meses para organizar as oficinas, selecionar os professores, os coordenadores, os adjuntos e os estudantes, além de providenciar materiais de apoio e logística institucional. Quando o grupo não pertence ao mesmo campus, há ainda mais dificuldade. Em nosso caso, quatro membros são de Palmeira das Missões e seis de Santa Maria.

As tratativas administrativas, normalmente amparadas pela Pró-Reitoria de Extensão, aconteciam por via digital, telefônica, mas principalmente, com deslocamentos de mais de 460 quilômetros (ida e volta) — isso tudo em um único dia — para, no mínimo, uma reunião, assinatura de documentos, entrevistas, spots, dentre outras atividades.

Cada município participante da operação, juntamente com o professor que realizou a viagem precursora, criou o Comitê Rondon local, com vistas a organizar a logística e as articulações para a efetiva ocorrência da operação. São levantados pontos como alojamento, refeições, deslocamentos, locais das oficinas, dentre outras atribuições contidas no edital do Ministério da Defesa e no acordo de cooperação entre município e estado.

## CRUZAR RUMOS E CULTURAS, SEM RECEIO DA ESTRADA

A viagem iniciou às 5h, em Palmeira das Missões, com deslocamento de três integrantes da equipe. Houve paradas em Ijuí e Santa Maria para agregar ao elenco os outros participantes. Em Porto Alegre, com outras instituições de ensino, embarcamos às 17h40 com destino a Brasília, onde às 21h fizemos conexão para Teresina. A aeronave estava repleta de rondonistas com suas camisetas personalizadas.

Chegamos em Teresina às 23h30. Éramos aguardados pelo 25º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, que nos direcionou ao quartel. Nos encontramos com a instituição parceira, a Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e, após uma breve refeição, fomos descansar nos alojamentos com o



apagar das luzes, às 1h25. As 6h, com a alvorada festiva, fomos acordados e direcionados ao café da manhã. Após, retiramos os kits do rondonista, compostos por chapéu, mochila, squeeze, crachá, camisetas e coletes. A tarde, realizamos um passeio guiado por alguns pontos da capital piauiense. Já no quarto dia da experiência, fomos despertados com a alvorada festiva às 5h. Tomamos café e recebemos os catanhos (pequeno lanche para a viagem). Em ônibus fretados, duas equipes foram deslocadas, por volta das 7h20, para Santa Rosa do Piauí, a 287 quilômetros de Teresina. Uma viagem em torno de 5 horas, por estradas sinuosas, às vezes não pavimentadas, estreitas e desertas, mas com belas paisagens!





### **GENTE QUE O TEMPO REUNIU, COM ALEGRIA, POR ALI**

A recepção em Santa Rosa do Piauí foi fantástica. Fomos recebidos pela equipe de trabalho da prefeitura, liderada pela Secretária de Educação. A recepção aconteceu na escola municipal onde ficaríamos hospedados. Havia balões e cartazes de boas-vindas, uma verdadeira festa. Nos transpareceu naquele momento o desejo para que a operação fosse um sucesso. Cada integrante que descia do ônibus foi recebido com um abraço e encaminhado aos alojamentos que ficavam nas salas de aula. Havia três alojamentos (das meninas, dos meninos e dos professores), uma cozinha, um espaço comum para montagem

das oficinas, uma secretaria para utilização de computador e impressora, três banheiros e uma quadra esportiva. Foram designadas equipes de cozinheiras que forneciam três refeições diárias. Quatro, às vezes. Uma verdadeira fartura.

Na viagem precursora, foram levantadas necessidades de adequações na escola para que pudesse receber os rondonistas. Foram realizadas inúmeras mudanças, como a instalação de chuveiros nos banheiros. Todas as salas de aula – que se transformaram em quartos – contavam com climatização e ventiladores, o que amenizou muito o calor da cidade nessa época do ano.

### **PRA IRRADIAR CONHECIMENTO PELO CÉU GRANDE DA VIDA!**

A comunidade foi excelente anfitriã. Os líderes comunitários, bem como os agentes públicos, nos trataram com muito carinho e atenção. Tínhamos toda a estrutura necessária para deslocamento e qualquer atividade dentro ou fora do município. No total, foram realizadas aproximadamente 40 oficinas nas diferentes áreas do conjunto A (UFSM). Entre os conjuntos A e B (Univap), foram aproximadamente 53 oficinas. A população buscou participar da maior parte.

Uma oficina muito esperada e de grande repercussão foi a de eletrocardiograma (ECG). Santa Rosa do Piauí não conta com Corpo de Bombeiros, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), nem serviço hospitalar de Pronto Atendimento. Nesse sentido, uma dificuldade encontrada pelos profissionais de saúde da cidade eram os atendimentos às

urgências e emergências cardiológicas, pois possuíam apenas uma ambulância improvisada para transporte dos pacientes até a cidade de Oeiras, que fica a aproximadamente 50 quilômetros e é a mais próxima com Bombeiros, Samu e hospital.

Pensando na qualidade do atendimento, diagnóstico e manejo adequado, o município adquiriu um eletrocardiógrafo, porém os profissionais não sabiam utilizá-lo. Com a oficina realizada pelos participantes do projeto Rondon, os profissionais da saúde receberam uma capacitação teórico-prática para o uso e interpretação básica do exame de ECG, possibilitando a implementação do serviço no município, o que qualificou a assistência.



*Saída do grupo que representou a UFSM no projeto Rondon em 2019*



*Estudantes em uma oficina com a comunidade*



## NOSSA GENTE É PARECIDA, NO QUE TEM DENTRO DE SI

No décimo dia, alguns integrantes contraíram uma virose. As oficinas foram reorganizadas e os rondonistas foram medicados e ficaram em repouso. Em geral, o maior problema nas viagens e expedições como esta é a “diarréia do viajante”, uma situação transitória adaptativa alimentar que costuma ocorrer pela água ou alimentos – não necessariamente contaminados, mas diferentes. Entre professores e alunos, acredito que tenham sido uns cinco acometidos. Todos foram tratados e restabelecidos em sua saúde. Essa situação gerou baixa no efetivo, pois tivemos que realocar estudantes nas oficinas e adiar outras. Mas o cronograma foi cumprido na totalidade.

## AMIZADE FOI BANDEIRA: A MAIS HUMANA DAS CONQUISTAS!

A heterogeneidade do grupo é aspecto importante nas relações interpessoais e multidisciplinares: há os medos, as expectativas, as frustrações, a primeira vez de muitos longe de casa e do conforto do lar, as manias. Seriam dezessete dias a mais de 3,7 mil quilômetros longe de casa.

Ser mediador desse turbilhão de emoções é o maior desafio dos coordenadores docentes, até porque eles mesmos estão suscetíveis à ebulição de sentimentos. Eu havia participado da Operação Catirina em 2010, em Arari, Maranhão. Atuei como professor-adjunto. Também havia participado como estudante na graduação, quando o projeto foi chamado Universidade/Juventude Solidária, na década de 1990. Ter participado de outras operações facilitou principalmente na ambientação e nas adversidades do nordeste brasileiro – em relação ao clima, à comida e à cultura.

## ALMA LINDA E BRASILEIRA, OBRIGADO PIAUÍ!

Procuramos, dentro dos horários de trabalho ou de folga, participar das festividades e atividades do município, como uma forma de conhecer a culturalidade local e se integrar de forma efetiva e igualitária. O ponto forte do município era a noite, especialmente na praça central, onde havia vários estabelecimentos de bebida e comida. Outra particularidade da cidade e região são os carros e motos adaptados para os chamados “paredões e pancadões” de som, que tocam, em alto volume, músicas regionais.

O último dia do projeto culminou com a feira municipal anual, chamada de AgroRosa. Nesse dia, houve o encerramento do projeto no município e a entrega de certificados e presentes. Recebemos uma bela homenagem da administração municipal, incluindo um certificado de Honra ao Mérito. Também presenteamos o município com um poema escrito por um amigo e compositor de Palmeira das Missões.

\*Os entretítulos dessa matéria são trechos retirados do poema “Ao Piauí”, escrito por Rômulo Chaves

No décimo segundo dia (22/07), acordamos com uma situação desagradável: fomos vítimas de vandalismo. Roupas no varal foram furtadas, rasgadas e espalhadas pelo pátio. Apesar de a escola possuir um vigia em tempo integral e um militar, em algum momento noturno, houve a invasão do pátio. Foi algo bem pontual. Não havia nenhum tipo de resistência da comunidade. Na verdade, esse fato de pequeno potencial ofensivo foi para chamar a atenção da equipe, especialmente das meninas do grupo. Realizamos um boletim de ocorrência na cidade vizinha e, posteriormente, localizamos o infrator e os objetos furtados foram recuperados.

Como os estudantes estão mais próximos do final do curso, em geral acima do 7º semestre, eles já possuem uma bagagem teórica e prática significativa de sua graduação. O maior desafio foi que eles trabalhassem juntos de forma interdisciplinar. Para minha surpresa, a interação entre os membros do grupo da UFSM foi fantástica, bem como com os outros estudantes e professores da Univap. Eles amadureceram muito ao longo dos dias.

Os desafios impostos pela distância de casa e as novas realidades mexeram bastante com o físico e o emocional da equipe toda. A união e o trabalho colaborativo geraram um processo familiar no grupo. A insegurança inicial foi superada pela autonomia e a excelência na execução das tarefas. Certamente saíram mais cidadãos do que profissionais, mais aprendizes do que instrutores.

Ao término da operação João de Barro, fizemos um excelente vínculo com a comunidade, tanto que até hoje nos comunicamos e trocamos informações. A relação entre os integrantes da Univap e UFSM até hoje também perdura.

Reportagem: Esther Klein • Diagramação e ilustração: Yasmin Faccin



**REPRESENTANTES DA UFSM NO PROJETO RONDON EM TERESINA, VESTINDO OS UNIFORMES DO PROJETO E COM O “ANJO”, MILITAR QUE ACOMPANHAVA O GRUPO**

# UFSM DETECTA É REFERÊNCIA EM TESTES DA COVID-19

*Em entrevista, Terimar Moresco comenta sobre desafios diários e planos para o projeto*

Coordenado pelos professores Terimar Moresco, Angela Batista e Daniel Graichen, o projeto de extensão chamado de UFSM Detecta, sediado no campus de Palmeira das Missões, atua na testagem da Covid-19 desde março de 2020. O projeto já realizou mais de 30 mil testes desde o início da pandemia no país e possui contrato para a realização de testes em 50 municípios do Rio Grande do Sul.

Devido a tamanha demanda, coordenadores e alunos tiveram que rapidamente desenvolver um método organizado de trabalho. O processo se tornou de fácil compreensão: as amostras são recolhidas nos laboratórios pertencentes aos municípios vinculados e enviadas para a equipe para a checagem, que é efetuada a partir do teste do tipo RT-PCR, o qual é feito através de um swab nasal para verificar a existência do vírus na secreção respiratória. Assim, o resultado fica disponível em até 48 horas para os pacientes.

A Arco conversou com a professora Terimar Moresco, Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela UFSM, para saber mais sobre essa ação pioneira em testagens da Covid-19.

**“A COMUNIDADE TEM MUITO ORGULHO DE TER A UNIVERSIDADE AQUI, PORQUE ELA ENTENDE ISSO COMO UMA CONQUISTA. ENTÃO, QUANDO ELES VIRAM QUE A INSTITUIÇÃO ESTAVA REALIZANDO OS TÃO PROCURADOS TESTES, QUISERAM AJUDAR.”**





### **Vocês possuem uma rotina de produção preestipulada?**

Sim! Nós somos um laboratório de ensino e pesquisa dentro da Universidade, e dia 30 de março [de 2020], nós demos início à proposta de fazer os testes. Naquele momento, não tínhamos o laboratório organizado, o pessoal treinado, nem uma requisição de exames. Então, fomos organizando tudo e chamamos uma equipe de alunos para nos ajudar, principalmente os que já haviam tido contato com o laboratório antes da pandemia, por estarem mais familiarizados. Inicialmente, distribuímos as tarefas conforme o treinamento do aluno, até aderirmos a protocolos e formação de setores – que é como funcionamos hoje: à medida que membros da equipe saem, novos entram, passam por todos os setores específicos.

### **Como foi partir do mundo da pesquisa acadêmica para a experiência prática de desenvolver as testagens da Covid-19?**

Foi bem desafiador, porque nós tivemos que aprender, além da técnica da testagem propriamente dita, a sermos empreendedores. Também precisamos dar entrevistas, que é algo novo para mim. Tivemos que sair do nosso mundo de professor, pesquisador, onde fazíamos uma pesquisa e o resultado não necessitava de urgência, para partir para uma realidade em que o resultado do teste precisa sair rapidamente, o paciente está lá precisando saber se vai para a UTI ou não.

Foi também importante em relação ao aprendizado, porque sempre trabalhamos com a formação de alunos, mas a gente teve que formar uma equipe e montar um laboratório de diagnósticos — que não era o que nós fazíamos de costume. Eu acho que essas coisas foram importantes, porque tivemos que ter uma responsabilidade, não maior, mas diferente — da que tínhamos antes. Aprendemos a lidar com a comunidade, o que também foi muito gratificante, porque as pessoas compreenderam a importância do nosso trabalho na região.

### **Ao mudar o rumo do trabalho desenvolvido no laboratório por causa da pandemia, como foram obtidos os recursos necessários?**

Foram necessárias todas as adaptações que tu imaginas. O primeiro equipamento, que dava início a tudo, foi doado pela comunidade. Com ele, nós tínhamos a pretensão de realizar dois mil testes; agora já estamos com mais de 30 mil. Aí, como a região acabou vendo a importância disso, nos doaram outro desse mesmo equipamento. Tínhamos os dois equipamentos e uma entidade da cidade fez um consórcio com alguns municípios para comprar os reagentes. Porém, faltavam ainda os EPIs — máscara, próprio, touca, luva. Então, a Universidade fez um chamamento e a comunidade doou dinheiro, caixas de luvas, caixas de máscaras, jalecos — inclusive, nos traziam comida, porque nós não tínhamos Restaurante Universitário durante o expediente. Dessa forma, mudamos toda a estrutura do laboratório e seguimos até hoje, com a ajuda da comunidade e da UFSM.

### **O valor arrecadado para testagens de Covid-19 na comunidade de Palmeira das Missões é consideravelmente alto, visto que o Brasil não tem essa tradição de filantropia científica. A que fatores você atribui isso?**

A comunidade sempre ajudou. Acho que isso é uma característica de Palmeira das Missões. Além disso, a comunidade também tem muito orgulho de ter a Universidade aqui, porque ela entende isso como uma conquista. Então, quando eles viram que a instituição estava realizando os tão procurados testes, quiseram ajudar. A gente ficou muito feliz com isso e, ao mesmo tempo, aumentou muito a nossa responsabilidade. Depois, precisamos mostrar para a comunidade que aquele dinheiro que eles investiram — aquela confiança no nosso trabalho — valeu a pena.

### **Alunos da instituição estão atuando na pesquisa laboratorial. Qual a importância para eles de adquirirem experiência prática na linha de frente contra o vírus nesse momento histórico?**

Eu acho que mostra a importância da pesquisa na Universidade e, para eles, é fundamental, porque aprenderam a lidar com o compromisso, a responsabilidade, a questão ética, a biossegurança — e isso é tudo muito diferente de um trabalho de pesquisa.

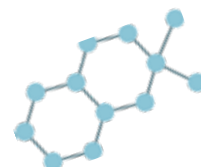
Alguns dos alunos que estavam no início, inclusive, já foram pegos por outros laboratórios da região, pelo mercado de trabalho; outros entraram na pós-graduação. Eu acho que os que passam por aqui saem muito melhores, tanto em relação à empatia da situação, quanto em relação à própria formação técnico-científica.

### **Quais são as perspectivas para o projeto?**

Várias coordenadorias de saúde aqui da região já nos procuraram para fazer o diagnóstico de outras doenças infectocontagiosas — HIV, tuberculose e dengue são as que mais nos solicitam. Essa seria uma ideia para o futuro. Além disso, nós estamos com a ideia de fazer outras coisas, como análise da qualidade de água e validação de produtos para salmonella em aviário. Ou seja, pretendemos, a partir de agora, prestar serviço para a comunidade tanto na área de microbiologia, diagnóstico, quanto na área de biologia molecular. Além disso, a gente trabalha com educação e saúde — dentro do UFSM Detecta temos um braço que chamamos de “Educa Detecta”, que, quando solicitado, oferecemos treinamento para profissionais da saúde, professores e servidores. A gente pretende continuar com esse também.

 Reportagem: Paula Appolinario • Diagramação e ilustração: Luiz Figueiró

• Fotografias: Gabriela Cavalheiro





## EDUCAÇÃO REDE BÁSICA

*Projeto da universidade nasce como alternativa para estudantes sem acesso à internet*

Como consequência da pandemia do novo coronavírus, escolas do país inteiro precisaram se adaptar ao ensino remoto para proteger a comunidade escolar. Os recursos didáticos tradicionais, como livros, lousa e atividades em grupo, foram substituídos por um novo modelo educacional apoiado em metodologias voltadas para o digital. Um estudo da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) mostrou que aproximadamente 92% dos municípios brasileiros utilizaram o aplicativo de mensagens WhatsApp como espaço para orientações de atividades didáticas durante 2020. O problema é que em cidades com mais de 100 mil habitantes, como é o caso de Santa Maria, 53% dos estudantes tiveram dificuldades no acesso à internet e, assim, podem ter deixado de ter acesso à educação.

Nesse contexto, o projeto UFSM em REDE com a Educação Básica, ou Rede Básica, atua na produção de materiais didático-curriculares que possam ser veiculados por canais de TV aberta e em emissoras de rádio para alcançar discentes do ensino básico que não tenham acesso aos ambientes virtuais. Além da universidade, o projeto conta com a parceria da Secretaria do Município de Educação de Santa Maria (SMED/SM) e da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS). A professora Regina Bathelt, coordenadora do projeto, ressalta a importância da iniciativa: “Não basta nós oferecermos as plataformas e ferramentas digitais se as diferentes

realidades dos nossos estudantes não permitem o acesso a elas. Nesse caso, o rádio é a ferramenta que pode garantir a equivalência de oportunidades”.

Professores habituados a trabalhar com metodologias de ensino presenciais precisaram se adaptar ao ensino a distância de maneira que a qualidade não fosse comprometida. Para essa adequação, a universidade ofertou treinamentos e capacitações técnicas para os docentes e discentes bolsistas. Os participantes aprenderam técnicas de gravação de áudio e vídeoaulas com equipamentos próprios, como o celular e fones de ouvido comuns.

Deise Marzari, professora voluntária do projeto, lembra que chegou a se questionar sobre a dinâmica remota das ações, mas que foi surpreendida com as possibilidades de recursos do áudio: “Não estar frente ao aluno causou certo estranhamento, mas com o tempo percebemos a importância e a diferença que os recursos tecnológicos fazem. Mesmo distante, a gente sente que pode, sim, chegar até eles”.

O Rede Básica tem em seu planejamento o trabalho com materiais didáticos nos formatos de áudio e vídeo, mas até o momento tem priorizado produções sonoras que são produzidas em casa pelos próprios professores. Regina Bathelt conta que as próximas gravações serão feitas com maior qualidade graças a equipamentos de gravação disponibilizados pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd).

Conheça duas ações do Rede Básica:

### PREPARAÇÃO PARA O ENEM

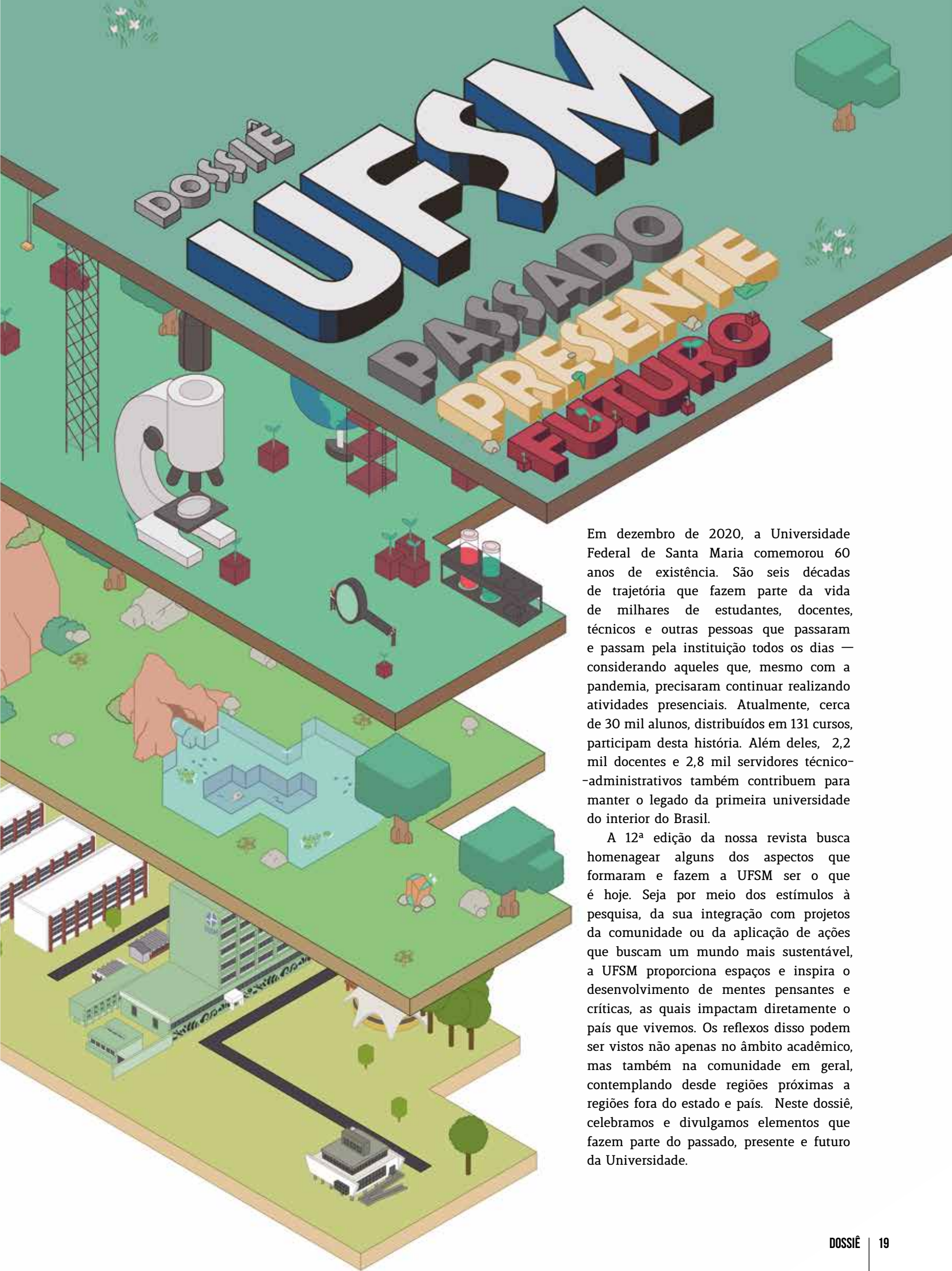
O programa Espaço Rede Básica, veiculado na Rádio Universidade AM e na Uni FM, estreou com a apresentação de três edições com dicas de conteúdos para o Enem 2020. De maneira didática, professores dos colégios Politécnico e CTISM explicam e resolvem questões das diversas áreas de conhecimentos.



### PROMOTORES DA LEITURA

Idealizado pela SMED antes da pandemia, o projeto funcionava em um ônibus adaptado que levava voluntários até as escolas para fazer leituras aos alunos. Agora, essa dinâmica precisou ser modificada para o formato de áudio, em que os professores contam histórias curtas para crianças. As leituras são veiculadas nas rádios UniFM e Universidade AM, através do programa Espaço Rede Básica. Além da capacitação técnica para o formato de rádio, os voluntários passaram por formação sobre princípios e valores que se propagam nas histórias infantis.

Reportagem: Luis Gustavo Santos  
Diagramação e ilustração: Renata Costa



Em dezembro de 2020, a Universidade Federal de Santa Maria comemorou 60 anos de existência. São seis décadas de trajetória que fazem parte da vida de milhares de estudantes, docentes, técnicos e outras pessoas que passaram e passam pela instituição todos os dias — considerando aqueles que, mesmo com a pandemia, precisaram continuar realizando atividades presenciais. Atualmente, cerca de 30 mil alunos, distribuídos em 131 cursos, participam desta história. Além deles, 2,2 mil docentes e 2,8 mil servidores técnico-administrativos também contribuem para manter o legado da primeira universidade do interior do Brasil.

A 12ª edição da nossa revista busca homenagear alguns dos aspectos que formaram e fazem a UFSM ser o que é hoje. Seja por meio dos estímulos à pesquisa, da sua integração com projetos da comunidade ou da aplicação de ações que buscam um mundo mais sustentável, a UFSM proporciona espaços e inspira o desenvolvimento de mentes pensantes e críticas, as quais impactam diretamente o país que vivemos. Os reflexos disso podem ser vistos não apenas no âmbito acadêmico, mas também na comunidade em geral, contemplando desde regiões próximas a regiões fora do estado e país. Neste dossiê, celebramos e divulgamos elementos que fazem parte do passado, presente e futuro da Universidade.

# O PASSADO DA PESQUISA NA UFSM

*Inovação e internacionalização foram elementos-chave para o estabelecimento da produção científica na Universidade*

Classificada em 15º lugar entre as universidades do Brasil no ranking geral de 2021 da *Scimago Institution Rankings*, a Universidade Federal de Santa Maria tem uma história marcada por pioneirismos e por sua grande representatividade no âmbito nacional e internacional de educação. O ranking, que levou em consideração 7.533 instituições, tem como fonte o Scopus, um banco de dados de resumos e citações de artigos para jornais e revistas acadêmicas. As classificações levantadas para a análise foram referentes à pesquisa, sociedade e inovação.

No âmbito da pesquisa, o qual contemplava o volume, o impacto e a qualidade dos resultados, a UFSM se encontra em 334º lugar.

## AS BASES FUNDADORAS

Fundada como Universidade de Santa Maria (USM) pelo professor José Mariano da Rocha Filho em 1960, representou um passo em direção à democratização do acesso à universidade no Brasil: foi a primeira universidade federal no interior do país. Até então, as instituições estavam localizadas em sua maioria nas capitais e, por motivos históricos e geográficos, nos litorais. Ainda assim, a localização central da cidade de Santa Maria em relação ao estado do Rio Grande do Sul foi um fator importante para incitar a criação de uma universidade no coração do estado.

A comunidade santa-mariense, que vivenciava em seu dia a dia o iminente crescimento econômico e social da cidade, também teve uma parcela de participação. Além dos diversos investimentos advindos de diferentes setores da cidade, em 1948 foi criada a Associação Santa-Mariense Pró-Ensino Superior (ASPES), que serviria como força política direcionada à implantação das faculdades que permitiriam a criação da Universidade. A imprensa também era um espaço que proporcionava visibilidade e estímulo aos empreendimentos, relatando os acontecimentos que marcaram o desenvolvimento desse processo.

Na época, a cidade contava com a Faculdade de Farmácia, dirigida por Mariano da Rocha, a qual seria posteriormente incorporada à Universidade de Porto Alegre. Isso proporcionou, a partir de 1950, a presença do professor no Conselho Superior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que representaria o primeiro passo para a criação de outros cursos em Santa Maria.

A conexão do primeiro reitor da UFSM com a instituição da capital foi fundamental, pois seria a partir de suas vivências como líder estudantil e professor que surgiriam muitos dos eixos formadores da educação e da pesquisa na UFSM. Em 1960, ocorreria a criação oficial da Universidade Federal de Santa Maria, na época, contando com quatro cursos: Farmácia, Medicina, Odontologia e o Ensino Politécnico. Em seu projeto fundador, existiam quatro principais eixos: a democratização do acesso à universidade; a territorialidade; o compromisso social e a cidadania; e a inovação e internacionalização, aspecto que norteou a pesquisa da Universidade.

Em comparação com o seu contexto, uma seção oferecida pelo site que posiciona as instituições a partir da localização geográfica e de realidades semelhantes, a sua posição entre as universidades foi a de 16º lugar, e a de 11º entre as do Brasil. Esses resultados podem ser considerados um reflexo do passado da instituição. Nele, a pesquisa foi um aspecto que continuamente teve destaque, desde a época das idealizações do que seria a Universidade, do seu desenvolvimento e expansão científica, chegando, por fim, até a UFSM que vivemos hoje.

## INOVAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO

Desde os princípios fundadores da UFSM, a pesquisa foi considerada um elemento formativo da instituição. O acesso a equipamentos tecnológicos avançados e a visão de mundo cosmopolita foram aspectos transpostos à Universidade, decorrentes da preocupação com a investigação científica, por parte do reitor fundador.

Antes mesmo de a UFSM ser criada, no período de funcionamento de apenas algumas faculdades, a inovação que Mariano da Rocha tanto buscava se estabelecia, entre outras formas, através da internacionalização. Com a vinda de renomados professores das mais diversas áreas do conhecimento, seriam criados projetos que colocariam a Universidade em destaque nacional e mundial, e que também resultariam na criação de cursos de pós-graduação.

Para o professor dos programas de pós-graduação em Educação e em História, Jorge Luiz da Cunha, que também é coordenador do Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação, esse é um dos aspectos mais interessantes referentes à criação da universidade, na medida em que ele promoveu a diversidade dentro da instituição: “Ainda que fosse a primeira universidade no interior de um estado brasileiro, o projeto original previa uma expansão transnacional, abrindo vagas para pessoas que viessem de qualquer país da América, especialmente da América do Sul; e que pudesse construir uma consolidação de padrões de formação de cultura a partir da educação que garantisse a democracia.”

Segundo Cunha, embora tenha havido resistências por parte de instituições com sede em capitais em relação ao desenvolvimento da Universidade e deste contexto, muito por conta de sua localização no interior do estado, o efeito disso foi extremamente positivo, visto que resultou em novos conceitos de educação, de desenvolvimento social e econômico, e de garantia da democracia.

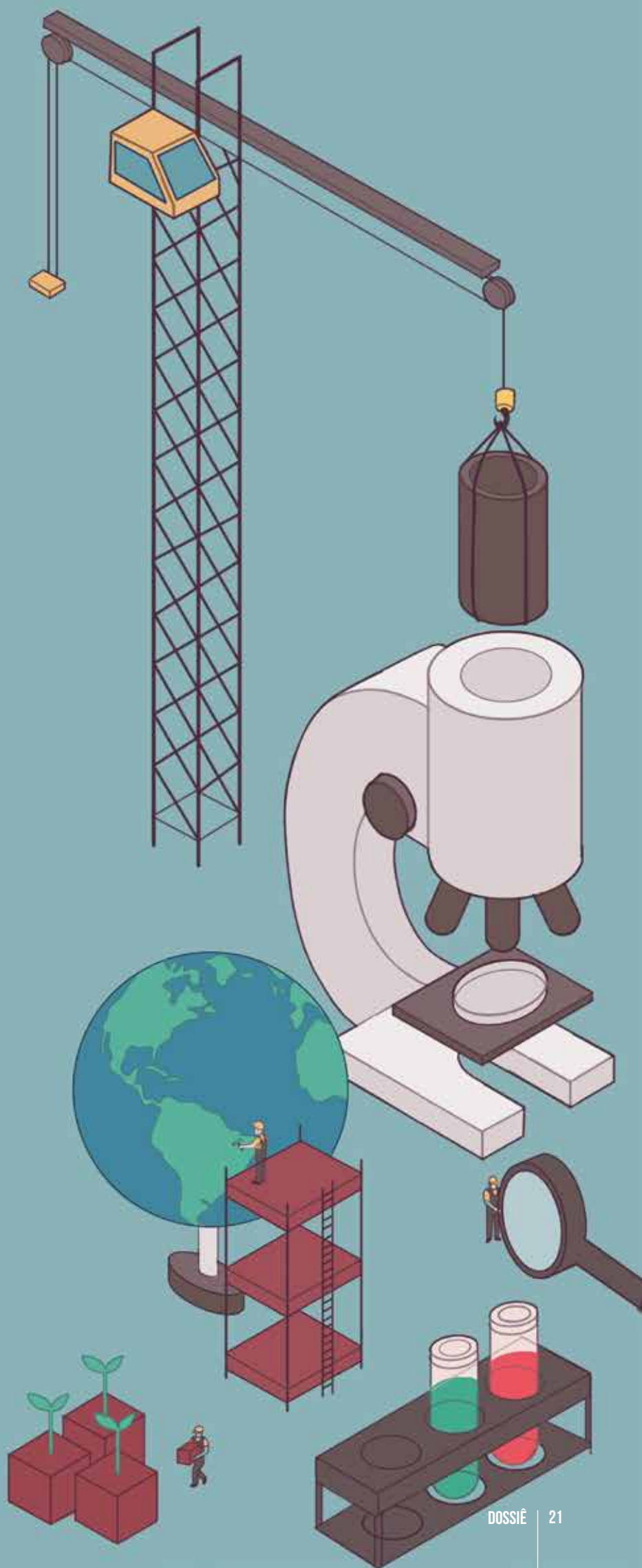
**“UMA UNIVERSIDADE SEM PESQUISA É COMO PLANETA QUE GIRA EM TORNO DE SÓIS. SOMENTE A UNIVERSIDADE CAPAZ DE DESBRAVAR NOVOS RUMOS, ATRAVÉS DA PESQUISA, PODERÁ SER CONSIDERADA, EFETIVAMENTE UM SOL COM LUZ PRÓPRIA, COM CALOR VIVIFICANTE.”**

*José Mariano da Rocha Filho,  
no livro “Os 50 Anos da Nova Universidade”*

Para Jorge Luiz Cunha, a importância do simbolismo da criação da UFSM como a primeira universidade no interior do país se relaciona diretamente com a interpretação que fazemos da cultura brasileira. Quando uma universidade no interior é criada, abre-se espaço para uma maior representatividade e participação da sociedade, ao serem incluídas nas pautas de ensino e pesquisa camadas da população que, na época, encontravam-se muito distantes do ensino superior. “Eu acho que essa é a grande estratégia política da criação de uma universidade no interior. Nós passamos a criar a possibilidade de, a partir da pesquisa, um conceito que diz respeito ao ensino, à extensão e à produção de novos conhecimentos, nos aproximar da realidade”.

Nesse sentido, a existência de uma universidade como a UFSM representa, em toda a sua história, uma aproximação e uma abertura de perspectivas para a realidade fora das capitais. Esse aspecto caminha em conjunto com a diversidade proporcionada e promovida pela internacionalização, também presente ao longo de todo o percurso da instituição. A luta pela garantia da democracia e pelo acolhimento das diversidades, para os parâmetros da época, já citados por Cunha, são princípios trazidos do passado e adaptados ao presente. Visto que, apesar dos grandes avanços que podem ser percebidos a partir desse projeto de democratização da educação e de promoção da cidadania, ainda hoje há muito o que evoluir como sociedade em busca de uma universidade para todos.

Assim, olhar para o passado da Universidade Federal de Santa Maria é ver o seu papel nessa luta, além de ser essencial para que se entenda o presente e se construa um futuro melhor. “Eu acredito que precisamos recuperar memórias do início da história da UFSM sobre novos conceitos aplicados no campo hoje. Eu acho que lembrar disso é uma estratégia para reagirmos a essa pandemia, que não é simplesmente relacionada à saúde, mas uma pandemia social, política, e cultural”, complementa Cunha.



## A PESQUISA ATRAVÉS DOS ANOS

A história da pesquisa na UFSM revela a participação de célebres cientistas - muitos deles estrangeiros - e o senso de pioneirismo. Apresentamos, a seguir, alguns dos principais marcos das primeiras décadas dessa trajetória - até 1991, ano em que ocorreu a 1ª Jornada de Pesquisa da instituição:

# 1959

Os professores austríacos Mariana Wasicky e Richard Joachimovitz chegam a Santa Maria. Eles lecionaram nas faculdades de Farmácia e Medicina. Richard havia sido professor do Departamento de Farmácia da Universidade de Viena. Ministrava aulas simultaneamente na UFSM e na Universidade de São Paulo. Em Santa Maria, lecionava Farmácia, Química, Botânica e Farmacognosia.

# 1961



Arthur e Ana Primavesi, também austríacos tornam-se docentes na UFSM. Permaneceram na Universidade por 15 anos e criaram o Instituto de Solos e um dos primeiros programas de pós-graduação, o de Biodinâmica e Produtividade do Solo, em 1972.

# 1962



O Instituto da Fala é criado na UFSM pelo otorrinolaringologista e professor Reinaldo Fernando Coser. O instituto, na época único na América do Sul, destinava-se ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão na área de audição, fala e linguagem.



# 1983

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa é criada. O primeiro Pró-Reitor foi o professor Zosymo Lopes dos Santos, que originalmente tinha atuação como docente e pesquisador na área da Farmácia.

**“(...) NO MESMO ANO, PARA ESTIMULAR A PESQUISA, FOI REGULAMENTADO O FUNDO DE INCENTIVO À PESQUISA (FIPE). ESTE TINHA COMO OBJETIVO FUNDAMENTAL AUXILIAR E INCENTIVAR OS PESQUISADORES A INCORPORAR A ATIVIDADE DE PESQUISA NO SEU COTIDIANO ACADÊMICO. A INCORPORAÇÃO DA PESQUISA À PÓS-GRADUAÇÃO FOI FUNDAMENTAL PARA DESTACAR, DAR MAIS PERSONALIDADE E IMPORTÂNCIA ÀS ATIVIDADES DE PESQUISA DESENVOLVIDAS, AUMENTANDO COM ISTO A CAPACIDADE DE CONCORRÊNCIA ENTRE OS PARES NAS AGÊNCIAS DE FOMENTO À PESQUISA.”**





# 1969

Thomas Tafael começa a trabalhar como professor assistente no Departamento de Zootecnia, onde implantou o projeto “Fazenda de Peixes”. Também lecionava nos cursos de biologia dos peixes e gestão de piscicultura na graduação e pós-graduação.



# 1970

É criado o primeiro curso de pós-graduação, o Mestrado em Educação, na Faculdade Interamericana de Educação (FIE). Ele fez parte de um projeto desenvolvido a partir de um convênio entre o governo brasileiro e a Organização dos Estados Americanos (OEA) e tinha como objetivo a integração educacional entre os países latino-americanos para a formação de recursos humanos. Eram disponibilizadas 30 bolsas por ano, sendo 15 para brasileiros e 15 para estrangeiros.

# 1974

Criação da Pró-reitoria de Ensino e Pós-graduação.

“COM A INSTALAÇÃO, NA UFSM, DA FACULDADE INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO, HOVE A NECESSIDADE DE CRIAR UMA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA QUE POSSIBILITASSE FAZER A GESTÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO.”

*Paulo Schneider, atual Pró-Reitor de pós-graduação e pesquisa*



# 1985

É estabelecida a estrutura administrativa da pesquisa, com a criação dos Gabinetes de Projetos (GAP) vinculados às unidades de ensino da Universidade. Isso possibilitou um registro contínuo dos projetos de pesquisa desenvolvidos, uma padronização das produções e um maior controle da instituição, por meio da cobrança de relatórios técnicos parciais e finais.

# 1986

É criada a primeira edição do Catálogo da Produção Intelectual da UFSM, organizada pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP). Nela, os docentes da instituição tinham a oportunidade de publicar os seus trabalhos, em formato semelhante ao que hoje se observa na Plataforma Lattes.

“A PLATAFORMA LATTES DO CNPQ SURGIRIA APENAS EM 1999, MAS A UFSM JÁ FAZIA SEUS MOVIMENTOS NO SENTIDO DE INFORMATIZAR SEUS REGISTROS DE PESQUISAS. NESSE PROCESSO, OS GABINETES DE PROJETOS FORAM E AINDA SÃO UM IMPORTANTE SUPORTE AO PLANEJAMENTO E CONTROLE PARA OS PESQUISADORES E PARA A INSTITUIÇÃO.”

# 1991

Ocorre a 1ª Jornada de Pesquisa. Posteriormente, em 1998, ela chegaria ao que é conhecido atualmente como a Jornada Acadêmica Integrada (JAI).

Reportagem: Esther Klein  
Diagramação e ilustração: Yasmin Faccin





DOSSIÊ

# GEOPARQUES GAÚCHOS BUSCAM O TÍTULO DE PATRIMÔNIOS MUNDIAIS

*Projetos desenvolvidos na Quarta Colônia e em Caçapava do Sul estão entre as grandes apostas atuais da instituição*

Você sabia que o território da Quarta Colônia, na região central do Rio Grande do Sul, e a cidade de Caçapava do Sul, na região dos Pampas, em breve contarão com o título de Geoparques Mundiais da Unesco?

A Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da UFSM trabalha nisso há bastante tempo. No entanto, foi em julho de 2020, por meio de uma carta de intenções e de um relatório com as atividades já desenvolvidas nos territórios, que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconheceu a candidatura dos dois geoparques.

Até aquele momento, as cidades da região encontravam-se como aspirantes — ou candidatas — a Geoparques Mundiais. Entretanto, foi em dezembro de 2021 que o Ministério das Relações Exteriores, com o apoio da UFSM e da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), enviou à entidade o pedido oficial para a certificação dos territórios.

Após o envio dos documentos, a Unesco designa uma equipe de técnicos para avaliar o território. A visita *in loco*, além de conferir os dados informados nos dossiês, também é uma forma de apresentar as singularidades dos municípios e os esforços empreendidos pelas comunidades locais. A visita nos territórios de Caçapava está prevista para o primeiro semestre de 2022.

As atividades que envolvem os municípios dos dois geoparques gaúchos acontecem há bastante tempo, porém foi a partir de 2018 que a UFSM adotou o projeto como estratégia institucional e de desenvolvimento regional. Atualmente, os

geoparques estão entre as grandes apostas da Universidade e contam com inúmeros projetos, empresas juniores, docentes, discentes e técnico-administrativos em educação (TAEs).

“Toda a articulação com os poderes executivo, legislativo e Condesus [Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável] também é realizada para suporte interno e externo. Assim, conseguimos materiais para os municípios, projetos arquitetônicos, de sinalização”, relata a chefe da Subdivisão de Geoparques da PRE, Natália Huber.

## MAS AFINAL, O QUE É UM GEOPARQUE?

Os geoparques são reconhecidos pela Unesco como territórios em que a memória da Terra é preservada e utilizada de forma sustentável, através do artesanato, da gastronomia e do turismo. Esses patrimônios geológicos-morfológicos também se destacam pelas suas estruturas e belezas naturais encontradas em suas paisagens, em suas rochas, solos, fósseis, relevos, águas e minerais.

Atualmente, existem 147 Geoparques Mundiais da Unesco, em 41 países, sendo somente um deles localizado no Brasil: o Geoparque Araripe, no Ceará. Ter esse reconhecimento significa ganhar visibilidade e, futuramente, conseguir recursos para diferentes setores, como o da economia, da geodiversidade, da biodiversidade e da sustentabilidade.

## VIVÊNCIAS

A PRE lança editais internos anuais para que pessoas interessadas em se voluntariar e trabalhar no desenvolvimento dos geoparques inscrevam os seus projetos. Os selecionados organizam ações em escolas, oficinas para as comunidades, excursões, exposições, entre outras atividades que buscam promover conhecimento e aproximar a população local dos patrimônios.



A geóloga Ana Paula Correa, idealizadora do Guaritas Turismo – empresa turística de Caçapava do Sul que realiza trilhas na região –, explica que a sua vivência no local, desde quando nasceu, fez com que estudasse Geologia na Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Agora, a aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) na UFSM desenvolve pesquisas sobre geomorfologia, geoconservação e patrimônio.

Para ela, a identidade turística do geoparque contribui para o desenvolvimento da cidade e, por isso, a estratégia do Guaritas Turismo é unir lazer, esporte e conhecimento sobre o território.



O morador de Dona Francisca Wanderley Brothaus, responsável por produtos coloniais produzidos na agroindústria de panificados Brothaus, conta que a família trabalha na lavoura e produz seus panificados com fermento natural oriundos da batata. O produtor ainda relata que, através do projeto, a família produziu uma bolacha natural de mel, a Teco Cracker – homenagem ao dinossauro descoberto em Dona Francisca, o tecodonte – e a ideia é produzir um café colonial assim que o geoparque estiver funcionando.

A inspiração em dinossauros vem dos vestígios (ossos, pegadas, troncos) já encontrados pela região. Entre eles, estão alguns dos animais mais antigos, como os tecodontes, rincossauros, dicinodontes, procolofonídeos e esfenodontídeos.

Quando esses fósseis são encontrados, cabe ao Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica (CAPPA/UFSM), localizado em São João do Polêsine, analisá-los e protegê-los. Esse patrimônio paleontológico é um dos principais requisitos para a certificação do Geoparque Quarta Colônia como Geoparque Mundial da Unesco.



A experiência de Ivanice Campos, proprietária de uma loja de doces e bolos artesanais, é semelhante. Desde muito nova, ela enxergava Caçapava do Sul como cidade turística e, aos 16 anos, saiu do município com o intuito de estudar turismo. No entanto, o seu sonho tomou um rumo diferente: ao voltar para Caçapava, aos 34, começou a se interessar por confeitaria. Hoje, a dona do Nice Cakes desenha a cidade nos produtos que confecciona. “Outra ideia que tenho é produzir geleias com produtos daqui (pitaya, laranja e butiá – frutas abundantes na região). Já fiz o curso de geleias patrocinado pelo projeto”.

## EMPREENDEDORISMO LOCAL

Para um negócio se desenvolver, é preciso um bom senso de empreendedorismo. Despertar esse aspecto entre a comunidade é o papel da coordenadora do Departamento de Administração da PRE, Debora Bobsin, que, por meio do projeto Geoparques, busca promover tanto o avanço de novos negócios quanto o fortalecimento de comércios já existentes. Seja com capacitações, assessorias técnicas ou pequenas consultorias, ambas realidades são auxiliadas.

Segundo a administradora, com esses projetos as comunidades têm compreendido melhor o que são os geoparques e o potencial que possuem para o seu negócio e para os municípios. “No final das contas, a gente pode dizer que eles estão começando a se reconhecer como um geoparque. É um trabalho bem de formiguinha. Precisamos ir, ao longo do tempo, construindo essa cultura dentro da comunidade e fortalecendo o pertencimento deles naquele espaço geográfico”, destaca.

Reportagem: Eloize Moraes  
Diagramação e ilustração: Filipe Duarte



Mapa do Campus Santa Maria.



# DOSSIÊ COMPROMISSO COM O FUTURO EM FAVOR DA TERRA

*UFSM avança na Agenda 2030 da ONU e caminha para a excelência em ensino e sustentabilidade até o ano 2050*

Representantes da comunidade internacional se reuniram na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, em setembro de 2015, para firmar um compromisso pela sustentabilidade do planeta. Na ocasião, 193 países decidiram adotar como guia o documento "Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável". Trata-se de um plano de ação para construir um caminho sustentável até 2030, com metas para erradicar a pobreza e promover a dignidade humana dentro dos limites da Terra. Tais preocupações se mostram ainda mais pertinentes pelo fato de que, de 2014 a 2020, foram registrados os sete anos mais quentes da história, segundo dados da Agência Espacial Americana (Nasa) e da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos.

Três anos após o acordo entre as nações, em 2018, a Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da UFSM participou de um encontro nacional organizado pela ONG suprapartidária REDE ODS BRASIL, que aconteceu em Brasília-DF. Desde então, uma equipe institucional trabalha em ações baseadas na Agenda 2030 da ONU e nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Estes funcionam como um roteiro para acompanhar e revisar ações que integram três dimensões do crescimento baseado na sustentabilidade: a econômica, a social e a ambiental.

O grupo é coordenado pelo Pró-Reitor Adjunto de Extensão, Rudiney Soares Pereira, que conta ter sido incumbido de pensar no processo de implantação da Agenda 2030 junto de várias mãos e muitas cabeças pensantes. A comissão de trabalho reúne técnico-administrativos e docentes de vários setores da Universidade e dos quatro campi. Em 2019, o grupo elaborou um diagnóstico que classifica mais de 11,8 mil ações de ensino, pesquisa e extensão alinhadas a um ou mais ODS.

Essas atuações contribuíram para o bom posicionamento da UFSM, que está empatada na 14ª posição dentre as universidades brasileiras que melhor trabalham com os 17 ODS, segundo a revista britânica Times Higher Education (THE). No ranking geral, divulgado em 2021, a Instituição está entre a 401ª e a 600ª colocação, e demonstra tendência de crescimento no índice, uma vez que em 2018 era avaliada em 10 Objetivos e na última lista se destacou em 14.

## ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL

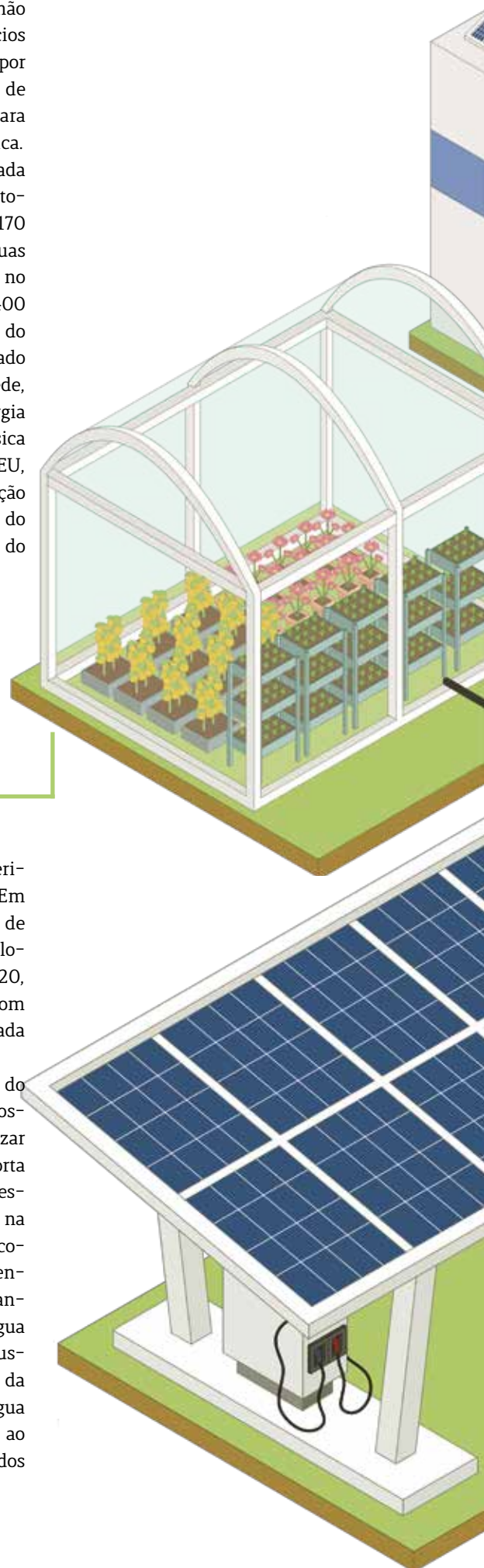
O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2016/2026 da UFSM definiu diretrizes da política de gestão ambiental para o período de 10 anos. No documento, a Universidade assume o compromisso de reduzir o consumo energético e de estimular a geração própria de energia, tendo como pretensão que os edifícios se qualifiquem como de máxima eficiência energética. As novas construções devem se enquadrar no conceito de *Zero Energy Building* – edificações com microgeração de energia que supram o consumo total ou parcial.

Ainda não existem edifícios de energia zero no campus de Camobi, mas há estudos e estimativas na busca pela geração própria de energia solar. A Pró-Reitora Adjunta de Infraestrutura (Proinfra) e professora no programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (PPGAUP), Ísis Portolan, explica que há mais potencial

em obter autossuficiência energética em edificações com até dois andares, por não serem prédios muito grandes. Os edifícios da Casa do Estudante II (CEU II), por exemplo, são objeto de pesquisa de professores da Engenharia Elétrica para a implementação de energia fotovoltaica.

Em 2020, a capacidade instalada de produção máxima das usinas fotovoltaicas na UFSM era próxima de 170 quilowatts pico. Juntamente das duas novas estações a serem instaladas no campus Santa Maria em 2021, de 400 kWp cada uma, e uma em Cachoeira do Sul, pode-se chegar a 1 gigawatt instalado nas estruturas da Universidade. Na sede, a instalação permitirá o uso da energia por parte do Centro de Educação Física e Desportos com sobras para a CEU, de onde por enquanto a distribuição produzida não passará, pois se trata do espaço com maior despesa energética do campus.

1 Projeto de instalação de painéis solares na Casa do Estudante



## ÁGUA POTÁVEL E ARMAZENAMENTO DAS CHUVAS

O compromisso de encarar a sustentabilidade hídrica também está contemplado no PDI, com a busca do envolvimento da comunidade e a total transparência no uso da água. No prédio 37 da CEU II, a UFSM investiu na construção de dois blocos com tecnologias sustentáveis, como caixas d'água ligadas a cisternas que armazenam a água da chuva para uso nos vasos sanitários. No Colégio Politécnico, o armazenamento beneficia também o setor de floricultura.

Fora dos muros da Universidade, o Projeto Captação, da ONG Engenheiros Sem Fronteiras, é exemplo de ação pela sustentabilidade hídrica em Santa Maria. Gabrielli Morelato Hosono faz parte do Captação desde 2019 e conta que o grupo implementa sistemas de retenção de água da chuva. Isso é possível por meio de doações de pessoas e empresas, principalmente de lojas de materiais de construção. A primeira aplicação do projeto foi construída em 2018 em um prédio usado

pelo Centro de Tecnologia para experimentos, onde fica a sede da ONG. Em 2019, o grupo construiu outro sistema de retenção de água no Colégio Marista, localizado no centro da cidade e, em 2020, aplicaria o projeto na comunidade Dom Ivo, no bairro Passo D'areia, ação adiada por causa da pandemia.

Para Nadyanni Andres, integrante do Comitê Ambiental da CEU II, uma possibilidade do reuso da água seria utilizar a própria estrutura da CEU para a horta comunitária do prédio 60, feita por estudantes. A utilização de cisternas na manutenção de hortas destinadas à comunidade interna e assistida diretamente pelas políticas de assistência estudantil é uma opção, mas o manejo da água apresenta outros caminhos autossustentáveis. Podem-se citar a redução da poluição, a melhora da qualidade da água e a colaboração no objetivo de acesso ao saneamento e higiene iguais e adequados a todos.



**2** Projeto de reaproveitamento de água da chuva para irrigação



**3** Posto solar para recarga de bateria de carros elétricos

## O FUTURO

Quando há recursos financeiros, as inovações criadas na UFSM são utilizadas pela própria instituição. A pista multiuso é um exemplo de ideia de alunos e professores implementada pela Proinfra. Trata-se de um espaço multimodal para carrinhos de bebê, pessoas cegas e aquelas que usam cadeira de rodas, bicicletas e skates, que percorre todo o campus sede e ajuda na mobilidade interna e na integração com o bairro Camobi. Ao vislumbrar 2030, Ísis projeta ciclovias que liguem o campus até lugares distantes como o bairro Tancredo Neves e as cidades da Quarta Colônia, o que fomentaria o cicloturismo.

Como os prédios da Universidade foram construídos principalmente nas décadas de 1960 e 1970, a maioria não é muito eficiente em relação à sustentabilidade, e são necessárias transformações para torná-los sustentáveis, ou seja, para que causem menos impactos ambientais e busquem maior eficiência no uso de recursos naturais. Essas mudanças parecem mais distantes com a queda de investimento para construções, por parte da União, desde 2012. Ainda assim, para os próximos dez anos, a Pró-Reitora Adjunta cita a possibilidade de reformas como a aplicação de brises – dispositivo para impedir a incidência direta de radiação solar – de proteções solares nas fachadas, a criação de mais janelas e a instalação de paredes verdes.

Ísis ressalta que não apenas as construções precisam de atenção, mas também é necessário preservar as áreas verdes com vegetação arbórea, ampliando-as para a área rural da UFSM. Nadyanni, domiciliada na Universidade, almeja que haverá lugares onde, em 10 anos, o alimento dos moradores da Cidade Universitária será produzido comunitariamente na CEU II. E sabe o córrego ao lado do posto de combustível? Para Ísis, em um futuro com investimentos adequados, poderemos esquecer o mau cheiro de 2020 e imaginar uma água límpida com possibilidade de passeios de caiaque em 2030.

Mas e em 2050? Para a professora, as edificações, hoje com 50 anos, já terão passado pelas modificações estruturais necessárias, terão captação da água da chuva, energia solar e equipamentos de

alta eficiência energética. Os sistemas de mobilidade estarão ainda melhores e a Universidade, mais acessível e integrada à sociedade, agradável enquanto local de trabalho e, definitivamente, vista não só como lugar para ter aulas.

E por que não imaginarmos a UFSM como provedora de energia e novas tecnologias de uso d'água para toda Santa Maria e região? É um questionamento feito pela líder do Projeto Captação, Gabrielli. Para ela, em concordância com Ísis, com a produção de energia aumentando gradativamente, podemos vislumbrar os carros elétricos como algo usual, tendo no campus sede um ponto de carga elétrica – que já existe. O eletroposto referido é parte de um projeto com o Centro Internacional de Energias Renováveis (Cibiogas) e a concessionária Copel, do Paraná, e fez da UFSM a primeira universidade no Rio Grande do Sul a instalar um posto para recargas rápidas de veículos elétricos – e de maneira gratuita. Mas a Universidade está acostumada a ser pioneira, pois antes já havia sido a primeira a receber um veículo elétrico para pesquisas em terras gaúchas, fato ocorrido em 2020.

Rudiney ainda cita como objetivo tornar a UFSM uma universidade de excelência, mais igualitária e universal. Ele pondera que as universidades são “instituições de Estado, não de governo, e apesar de os governos muitas vezes criarem todas as restrições ou obstáculos para que não cresçam, elas continuam crescendo”. Caminhando em seu crescimento como agente transformador local, regional e nacional, em 2050 a projeção da UFSM é de uma universidade mais internacionalizada, com mais fluxo de pessoas de vários lugares do mundo e mobilização pelo reconhecimento do trabalho da nossa comunidade acadêmica em nível internacional.

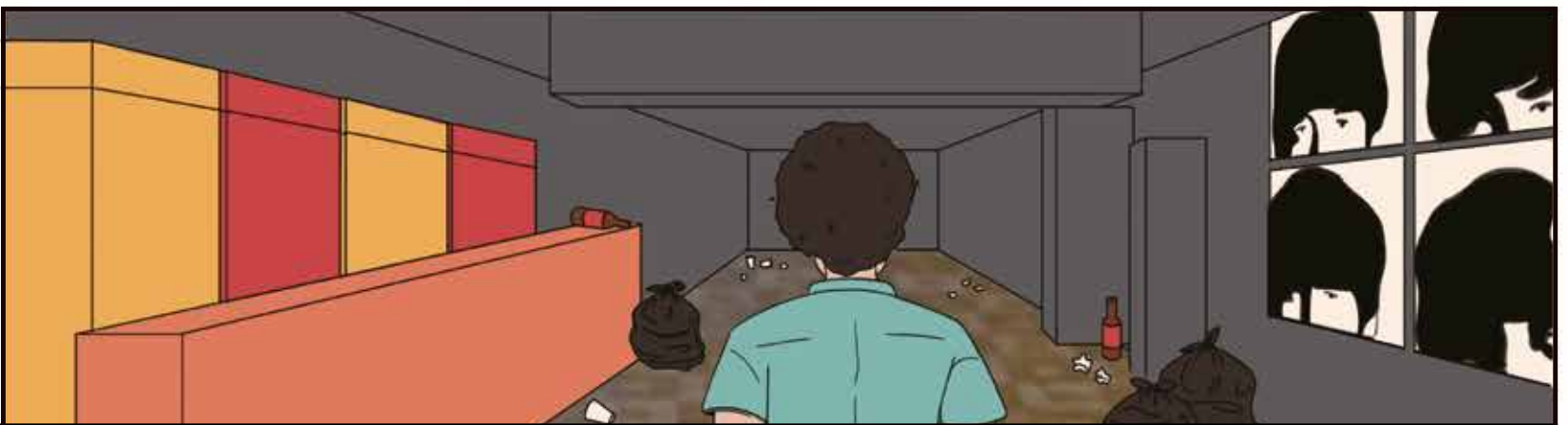
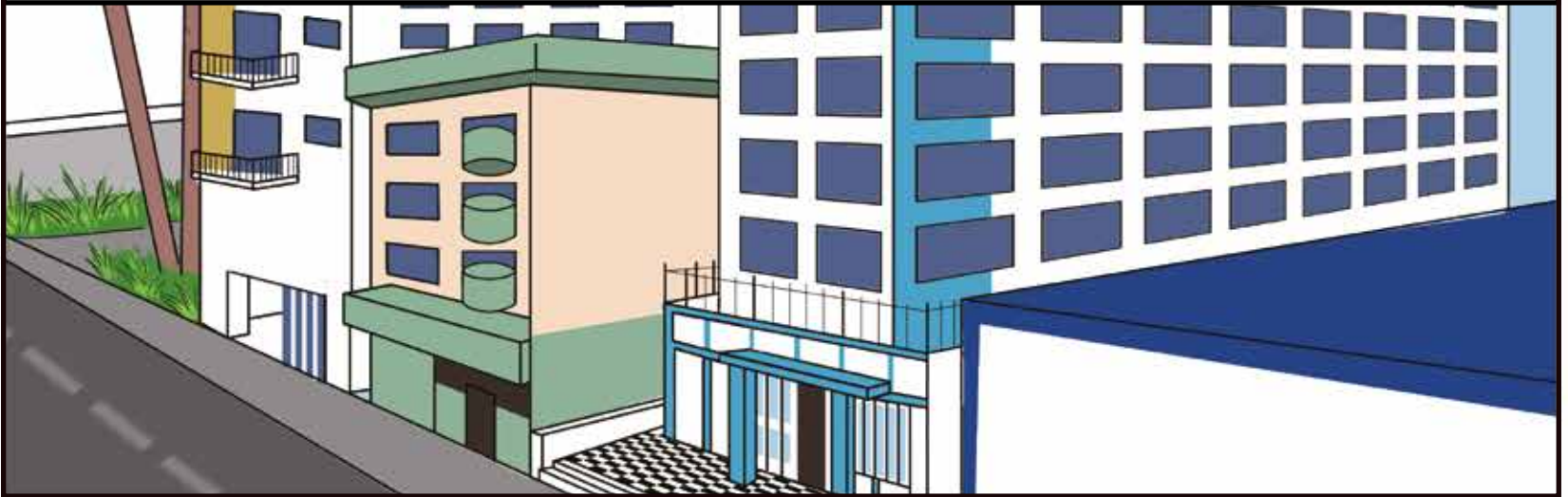
Pensar no futuro ajuda na elaboração de um plano de ações como as discutidas aqui. Mas também pode contribuir para a mudança de cultura a partir da implementação de pequenas práticas cotidianas, como separar o lixo adequadamente, privilegiar a luz natural em vez de lâmpadas e trocar, quando possível, o ar-condicionado pelas janelas abertas.

Reportagem: Lucas Felipe Silva  
Diagramação e ilustração: Renata Costa

# FIM DE FESTA

No dia 8 de janeiro de 2013, a Boate do DCE foi interditada por falta de acessibilidade e, por perturbação do sossego público, entre outras irregularidades, encontradas pela vigilância Sanitária da Secretaria de Saúde

SUBSOLO DA CASA DE ESTUDANTE I DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM),  
NA RUA PROFESSOR BRAGA, Nº 79, NO BAIRRO CENTRO DA CIDADE. AQUI FICAVA LOCALIZADA A BOATE DO DCE.



O PRODUTOR CULTURAL ATÍLIO ALENCAR FREQUENTOU A BOATE DO DCE ENTRE OS ANOS DE 1998 E 2012. EM 2018, RETORNOU AO LOCAL PARA AJUDAR A ACADÊMICA DE HISTÓRIA ANITA SIFUENTES NA ELABORAÇÃO DO SEU TCC CHAMADO "UM LUGAR DO CARALHO: UMA HISTÓRIA DE LAZER NOTURNO NA CIDADE DE SANTA MARIA A PARTIR DA BOATE DO DCE (1970-2013)"

O ESPAÇO FICOU ABERTO DE 1970 ATÉ 2013. NO SEU INÍCIO, ERA CHAMADO DE CLUBE UNIVERSITÁRIO E NÃO TINHA AINDA O CARÁTER FESTIVO, DEVIDO AO PERÍODO EM VIGÊNCIA DA DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA (1964-1985).



APÓS O FIM DO REGIME MILITAR, A BOATE PASSOU A ABRIGAR MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, COMO PEÇAS TEATRAIS, SARAUS E CINECLUBES.

ALÉM DAS FESTAS MEMORÁVEIS DE TODA SEXTA-FEIRA, A BOATE DO DCE, COMO É CONHECIDA ATÉ OS DIAS ATUAIS, MARCOU A NOITE SANTA-MARIENSE POR VÁRIAS GERAÇÕES DE JOVENS QUE PASSARAM PELA CIDADE.

"A BOATE DO DCE ERA UM ACONTECIMENTO TODA SEXTA-FEIRA À NOITE."

"UNIVERSITÁRIOS COM CARTEIRINHAS ESTUDANTIS NÃO PAGAVAM PARA FREQUENTAR."

"EU TANTO FREQUENTEI QUE ATÉ CASEI COM UM DJ DA BOATE."

"NA SAÍDA, LÁ PELAS 5H DA MANHÃ, A FOME ESTAVA BATENDO E JÁ COMÍAMOS O CACHORRO-QUENTE DO JULIÃO."

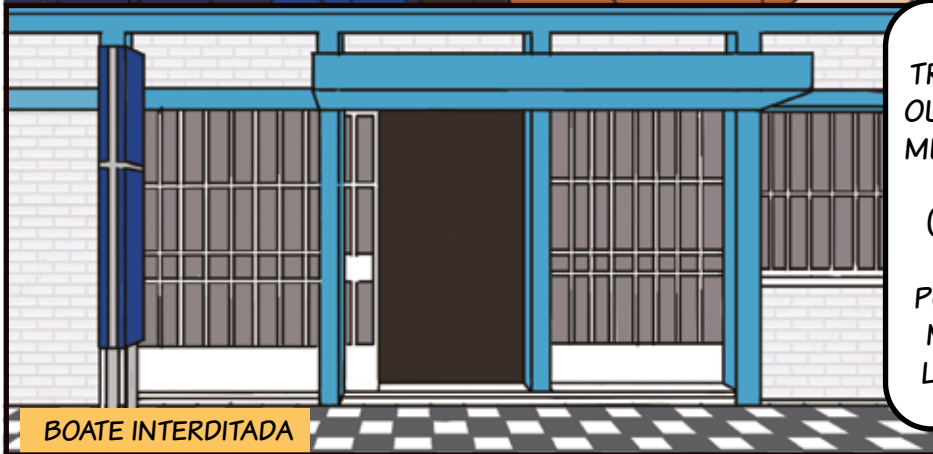
"O ESPAÇO ERA ARTE, POLÍTICA, CULTURA, MEMÓRIAS, ENCONTROS. EM TEMPOS TÃO DIFÍCEIS, O LUGAR DO CARALHO FAZ FALTA."



"ALÉM DA EUFORIA DO ÁLCOOL, DE ESTAR COM OS AMIGOS."

"DA MÚSICA ALTA, DO AMBIENTE, HAVIA ALGO".

"SABER QUE ESTAVA EM UM LUGAR QUE PROPUNHA UM GRAU DE LIBERDADE A MAIS".



GOSTARIA QUE TRANSFORMASSEM O LOCAL EM OUTRA COISA. UM MEMORIAL, UM MUSEU UNIVERSITÁRIO. FALANDO DO 'NOSSAS EXPRESSÕES' (FESTIVAL), DA BOATE DO DCE, DO TEATRO, DAS ATIVIDADES POLÍTICAS, SOCIAIS, CULTURAIS. MANTER O ESPAÇO VIVO. É UM LUGAR DE MEMÓRIA DE SANTA MARIA.



VOLVER

# O DIREITO INTERNACIONAL E AS CRISES DE SAÚDE PÚBLICA

*Pioneira no estudo de pandemias pela área das Ciências Sociais Aplicadas, Deisy Ventura tornou-se importante voz na defesa dos direitos humanos durante a Covid-19*



Até pouco tempo atrás, a ligação entre as áreas do direito e da saúde parecia incompreensível para muitas pessoas. Mas, em 2020, a pandemia de Covid-19 mostrou ao mundo que as ciências jurídicas e as crises emergenciais de saúde global têm mais em comum do que se imaginava. A jurista Deisy Ventura, graduada em Direito pela UFSM em 1989, estuda a relação entre pandemias e o direito internacional desde 2008 e é uma das vanguardistas na área da regulamentação internacional da saúde. Atualmente, Deisy é professora e coordenadora do doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade na USP.

Ainda na UFSM, entre os anos de 1994 e 1996, Deisy fez o mestrado em Integração Latino-Americana, temática que estava em alta na época, pois se tratavam dos anos iniciais do Mercosul. A professora conta que esse mestrado multidisciplinar, que envolvia principalmente as áreas de Direito, Economia e História, possibilitou que ela descobrisse a área da integração regional, na qual acabou trabalhando por mais de 15 anos. “O mestrado na UFSM me abriu os olhos para um processo que estava acontecendo na região e no mundo e me deu a base para que eu pudesse me candidatar ao processo seletivo na Sorbonne. Foi definitivo para mim”, conta a jurista. Na Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, localizada na França, Deisy concluiu um segundo mestrado e um doutorado em Direito Internacional.

Após a finalização do doutorado, Deisy trabalhou durante três anos na Secretaria do Mercosul, em Montevidéu, no Uruguai. Foi ali, lidando com as negociações do bloco, que a jurista conheceu os negociadores da saúde. Na época, algumas questões sobre normas de circulação de alimentos na Europa surgiram, devido à encefalopatia espongiforme bovina, doença cerebral que acometeu diversos rebanhos de bovinos adultos. Os seres humanos adquiriam a doença por meio da ingestão de produtos de carne

contaminada. Com isso, a relação entre o direito e a saúde passou a ser mais valorizada, e foi a partir daí que Deisy começou a pesquisar sobre o tema, o que já faz há mais de 20 anos.

A jurista decidiu dedicar seus estudos plenamente a questões sanitárias quando foi aprovada como docente na USP, onde trabalhou inicialmente com temas de integração regional e saúde, sobre o princípio da precaução e as crises sanitárias. Então, em 2008, quando houve a pandemia de H1N1, a professora se envolveu com os aspectos jurídicos da gripe. O seu primeiro artigo sobre pandemias foi publicado em 2009. Em 2012, Deisy fez sua livre-docência em direito internacional sobre a gripe H1N1 na USP. “Muita gente não entendia o que era isso, aliás acho que a maior parte das pessoas entendeu mesmo o que eu pesquisava agora, todo mundo entendeu o impacto enorme que a pandemia tem sobre o direito e particularmente sobre os direitos humanos”, conta a egressa da UFSM.

## OS DIREITOS NA PANDEMIA

Durante a crise sanitária de Covid-19, Deisy se tornou uma voz muito potente na mídia no que se refere aos direitos da população. Ela é uma das articuladoras do Projeto Direitos na Pandemia, que tem como objetivo avaliar o impacto do coronavírus sobre os direitos humanos e, particularmente, analisar as normas jurídicas, a jurisprudência do Tribunal de Contas da União, do Supremo Tribunal Federal e ajudar a entender as consequências desse excesso de leis em relação à pandemia. São analisadas todas as normas, federais e estaduais, não apenas aquelas relacionadas explicitamente à saúde, visando detectar os possíveis impactos negativos, para que nenhuma medida normativa seja excessiva e que a proteção dos direitos da população seja garantida.

Reportagem: Alice Santos • Diagramação e ilustração: Filipe Duarte

# MEMÓRIA E LEGADO

*Quatro livros da Editora UFSM que narram a trajetória da universidade*



A UFSM completou 60 anos, em dezembro de 2020, em meio à pandemia de Covid-19 e, por isso, as comemorações tiveram que ocorrer a distância. Nesse cenário de atividades remotas, uma forma de manter a proximidade com a universidade é conhecer seu passado, que é contado nas páginas de quatro livros da Editora UFSM. As publicações a seguir retratam uma universidade que, mais do que mudar a história de Santa Maria, ajudou a mudar a história do Brasil, ao mostrar que a democratização do ensino gratuito e de qualidade, além de possível, é o único caminho para o desenvolvimento do país. E a comunidade acadêmica pode se orgulhar por escrever, a cada dia, um novo capítulo para os livros que ainda virão.

## **JOSÉ MARIANO DA ROCHA FILHO: FOTOBIOGRAFIA — MARIA IZABEL MARIANO DA ROCHA DUARTE — 2014**

Além de contar sobre a infância e a juventude do fundador da UFSM, a fotobiografia traz os desafios enfrentados na luta pela interiorização do ensino. O livro mostra como a Faculdade de Farmácia de Santa Maria, que possuía apenas cinco alunos e não tinha recursos para pagar o salário de seus professores, tornou-se uma Universidade pioneira, preocupada com o acesso de todas as camadas sociais e, principalmente, da população do interior ao ensino superior público de qualidade.

## **USM: A NOVA UNIVERSIDADE — JOSÉ MARIANO DA ROCHA FILHO — 2011 (2ª EDIÇÃO)**

O livro apresenta o projeto fundador da Universidade. Seu conteúdo revela as contribuições da universidade para o ensino superior público do país – como o estágio obrigatório ao final do curso e a instituição de carreira universitária vitalícia com dedicação exclusiva para os docentes. Outro novo conceito trazido pela então Universidade de Santa Maria foi a atenção dada ao espaço do ensino universitário, que deveria ser um lugar capaz de integrar não só todos os estudantes da instituição, mas também as atividades acadêmicas, sociais e culturais. Com esse objetivo, surgiu o primeiro campus totalmente planejado do país.

## **CONCRETIZANDO UM IDEAL — NEIVA PAVEZI — 2011**

Também retrata os primeiros passos da UFSM. O livro mostra como a Universidade foi considerada um marco da arquitetura urbana moderna na época de sua construção. Assim, a obra traz questões arquitetônicas sobre a elaboração dos planos pilotos da Universidade, da paisagem da Cidade Universitária e até detalhes sobre a construção dos prédios mais conhecidos da instituição. A parte principal do livro, contudo, é o grande catálogo de fotografias, com as imagens da Cidade Universitária entre os anos de 1960 e 1973.

## **OS 50 ANOS DA NOVA UNIVERSIDADE — EUGENIA MARIANO DA ROCHA BARICHELLO — 2011**

A publicação mostra os valores que guiaram a Universidade até seu meio século de existência, completados em dezembro de 2011. Um exemplo já citado é a democratização do ensino superior. Esse objetivo levou a UFSM a se tornar pioneira em implementar ações de extensão fora da cidade sede e também a primeira universidade a ter um campus avançado na Amazônia, situado em Boa Vista, Roraima. Esse campus deu origem à Universidade Federal de Roraima. Por sua gestão eficiente, a UFSM se tornou referência e liderança para o aperfeiçoamento do ensino universitário na América Latina. 🐞 Reportagem: Bernardo Salcedo • Diagramação e ilustração: Renata Costa



ENSAIO

# PASSADO E PRESENTE

*Mescla de imagens do passado e do presente dão destaque às belezas da UFSM*

Rafael Beltrame, professor do Departamento de Processamento de Energia Elétrica da UFSM, tem interesse pela fotografia desde a infância, quando brincava com uma câmera Kodak Brownie que pertencia a sua avó. Mas foi apenas em 2014 que decidiu se aperfeiçoar no hobby e, em 2018, quando se comemoraram os 160 anos de Santa Maria, Rafael criou a série *Passado e Presente*, na qual apresenta a fusão de imagens antigas e atuais dos principais pontos da cidade. A inspiração foi o trabalho com fotografias da Segunda Guerra Mundial do russo Sergey Larenkov.

O objetivo do docente, ao criar esse projeto, foi estudar fotografia, homenagear Santa Maria e retratar o seu vínculo pessoal com a cidade. “Gosto bastante da história de Santa Maria. Sou

natural daqui, minha família é de comerciantes e ferroviários, então tenho um vínculo afetivo muito grande com a cidade e com a sua história”, ressaltava Rafael. Para realizá-lo, ele fez uma pesquisa das imagens antigas no Departamento de Arquivo Geral da UFSM, na Fundação Eny e também em livros e álbuns pessoais.

Entre as 18 fotografias da série, sete foram feitas nos principais pontos da UFSM, como o Planetário, a Biblioteca Central e o Estádio do Centro de Educação Física e Desportos. As imagens deste ensaio foram expostas primeiramente no Royal Plaza Shopping, em 2018, e, um ano depois, o professor decidiu compartilhá-las em suas redes sociais.  Repórter: Alice Santos • Diagramação: Yasmin Faccin





RECORDAÇÕES

# FERRAMENTA DE LUTA

por Rodrigo Kuaray Mariano\*

Rodrigo Kuaray Mariano, 27 anos, Guarani Mbya, nascido e criado em tekoá (aldeia), menino de poucas perspectivas, mas de muitos sonhos. Inicialmente queria cursar Biologia, mas por um impulso – ou melhor, por vontade de Nhanderu – no momento da inscrição para o vestibular, optei por um curso diverso daquele que sempre pensei.

Cursar Direito na Universidade Federal de Santa Maria foi uma das melhores coisas que pude vivenciar. Desde o ano de 2015, ano em que iniciei meus estudos na instituição, pude perceber muitas evoluções, tanto na minha formação profissional como pessoal, e umas das principais foi sobre novas percepções de mundo e também a possibilidade de um olhar mais crítico e politizado em relação a certos assuntos.

Ao longo da caminhada acadêmica, pude me afirmar, ainda mais, como uma pessoa comprometida na defesa de ideais e projeto de povo, de superação da segregação histórica que meu povo e os povos indígenas em geral sofrem.

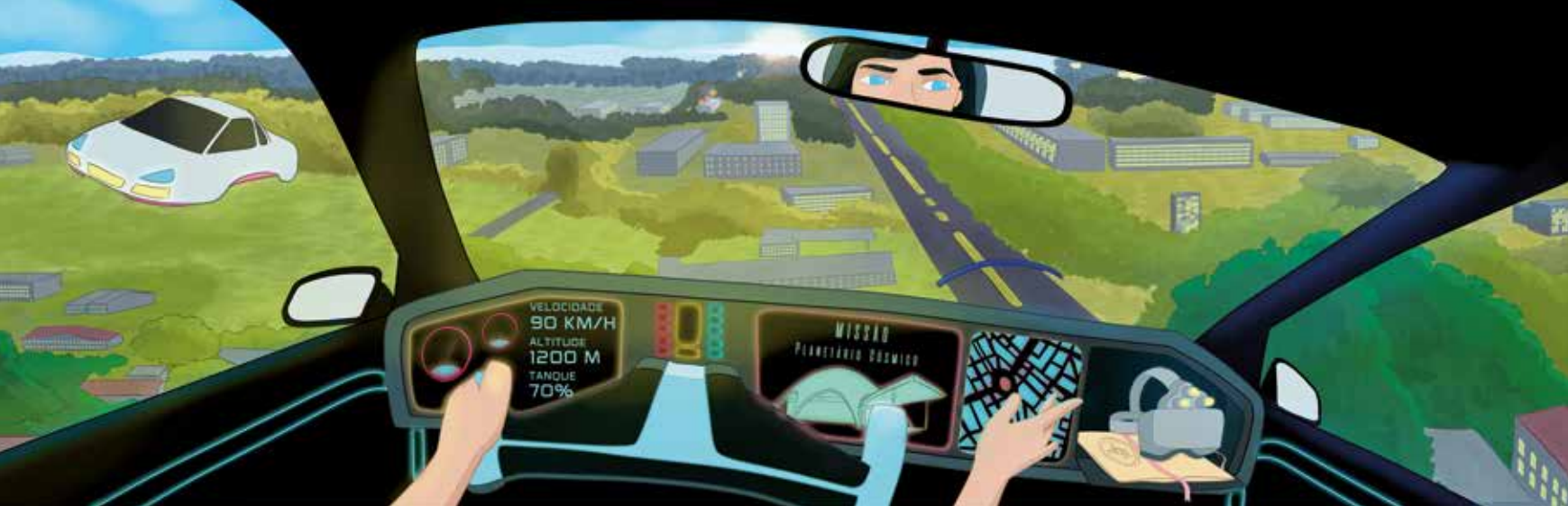
A conquista da graduação em Direito me possibilitou muitos caminhos, mas sempre existiu um que era e é ainda o principal: a atuação por justiça social e defesa dos direitos dos povos indígenas. Então, a partir do exposto, é possível afirmar que a UFSM foi uma ponte que me possibilitou alcançar lugares diferentes daqueles que eram os mais próximos à minha realidade.

Nesta imagem, está ilustrado um momento que tem um significado muito grande na minha vida: ela marca o início de uma trajetória que não pretendo deixar. Logo nos primeiros dias após minha formatura, já em atuação pela Comissão Guarani Yvyrupa – CGY, organização indígena, representante do povo Guarani do Sul e Sudeste do Brasil, acompanhei uma comitiva de lideranças indígenas da região Sul em mobilização em Brasília-DF. No dia 11 de fevereiro de 2020, realizei visitas aos gabinetes dos ministros do Supremo Tribunal Federal e entreguei, simbolicamente, uma petição de habilitação da Comissão Guarani Yvyrupa em um Recurso Extraordinário que trata dos direitos dos povos indígenas aos seus territórios.

Para finalizar, sobre a UFSM, é importante destacar que é uma instituição pública de muita qualidade e que está preocupada na formação crítica dos e das estudantes, que me proporcionou novos horizontes e possibilidades e, o mais importante de tudo, considero que o Direito é, em minha vida, uma ferramenta de luta, e a UFSM me proporcionou conhecer, estudar, me apropriar, e agora me utilizar disso para a conquista de meus ideais e do meu povo.  Ilustração e diagramação: Noam Wurzel.

*\* Rodrigo foi o primeiro indígena do povo guarani a estudar no curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria*





## ESCRITOS CONEXÃO RETROFUTURISTA

Por Enéias Tavares\*

Local. Distrito 7.1

Data. 9.03.2021

O aerocarro sobrevoa o arco da Universidade Federativa de Santa Maria (UFSM). Dirigindo-o está Suzana Monforte, checando na tela digitográfica o destino e missão: o Planetário Cósmico e a averiguação de um artefato tecnomístico lendário recém encontrado.

Suzana é uma especialista em crimes tecnológicos e saberes arcanos. Perita em pictogramas photo-temporais, ela foi chamada ali por Fernando Terra, docente da instituição e um estudioso de fenômenos alquímicos e subterrestres. Monforte tem cabelos escuros, olhos turquesa e movimentos decididos, com seus trinta anos vividos mais na estrada que em casa.

Ela ignora a tela que mostra o mapa tridimensional e pega seu noitário. Adorando artefatos antigos como cadernos, canetas e recortes, sua mochila é um campo minado deles. Abaixo, a fila de carros terrestres segue seus fluxos e destinos, seja o Colégio Politecnostático, o Complexo Hospitalar ou a Biblioteca Pinacular. À sua direita, Suzana ignora os centros tecnológicos, filosóficos, biológicos, artísticos e rurais, até alcançar o Centro Reitoral.

Na frente dele, um pináculo na forma de dois compassos cruzados chama sua atenção, um colado no verdor terrestre e outro apontado ao céu cinzento onde sete jatos e dois zepelins cortam o azulado das nuvens. O computador, conectado ao chip mental de Susana, informa que se trata de farol obelisco em homenagem ao fundador da UFSM, Mariano da Rocha Filho.

Suzana aproveita a deixa e questiona a máquina. O software responde de pronto e ela levanta o olhar. Em frente de prédios que uniam filosofia, história, letras, música e dança, está o círculo pétreo do Planetário. Ao lado dele, a movimentação humana denuncia a escavação.

Tudo começara com a descoberta de que a região central do Rio Grande Sulista fora habitada milhões de anos atrás por uma população de estauricossauros, uma dos espécimes animais mais antigos do planeta. Ao descer o aerocarro, Susana cogita se está num dos pontos onde a vida na terra começara, onde

monstros mortos deram lugar a humanos pensantes.

Em terra, ela é recebida por Fernando e por Mariana D'Oliveira, uma descendente do alquimista e poeta que revolucionou a arte e as ciências na região décadas antes, sobretudo com seu manifesto tecno-arcano Lanterna Verde. Os dois cientistas a levam a uma das tendas de pesquisas e mostram-lhe o enigma daquela manhã.

Sobre uma mesa, entre ossos e artefatos, está a lendária "Bússola de Cristal-Cromo que Aponta ao Inóspito Sul". Suzana estarrece, pois esse artefato perdido supostamente pertencia à dupla de aventureiros Doutor Benignus e Vitória Acauã, que vieram à Santa Maria em março de 1900, para pesquisar o Riacho Itaimbé. A dupla e o grupo investigativo do Parthenon Místico voltariam à região depois, para explorar a Goela do Diabo e a Cidade dos Meninos.

Susana coloca suas luvas e posiciona sobre os olhos as lentes photo-temporais, uma tecnologia infranatural que permite a captação de imagens de um objeto em tempos diversos. Depois de instantes, Suzana retira o insólito dispositivo, em silêncio.

— O que você tem a dizer? —, pergunta Terra a Monforte. D'Oliveira observa, inquieta.

— Muitas perguntas por hora, senhores, sem nenhuma resposta — responde Suzana. — Eventos que envolvem ciência, magia, história e filosofia, crimes do passado, descobertas presentes, projeções futuras, produções ficcionais e investigativas de grande potência. Em suma, estranhezas que unem biologia e mecânica, química e alquimia, fato e ficção.

Fernando sorri e responde à investigadora de Porto Alegre dos Amantes:

— Se você busca por enigmas, está no lugar certo. Há sessenta anos é o que fazemos aqui.

Os três terão uma noite inteira pela frente. Talvez uma vida. Mas tem tempo, pois aquela universidade ainda é jovem, apesar de suas fundações compreenderem milênios de passado e anteverem séculos de futuro.  Diagramação e ilustração: Renata Costa

\*Enéias Tavares trabalha há seis anos no universo de *Brasília Steampunk*, série transmídia que recria os clássicos nacionais e a paisagem brasileira num cenário de aventura, fantasia e ficção científica. O último livro deste universo, *Parthenon Místico*, foi publicado pela DarkSide Books em 2020, e uma série audiovisual, *A Todo Vapor*, estreou na Amazon Prime Video. Além de escritor e roteirista, é docente no curso de Letras da UFSM, instituição onde se formou e que considera sua segunda casa. Mais de sua produção e projetos em [eneiastavares.com.br](http://eneiastavares.com.br).

# Em 2020, a UFSM completou 60 anos e você faz parte desta história.

Veja a exposição online dos principais marcos destas 6 décadas.

Envie seu depoimento sobre sua relação com a Universidade.

[ufsm.br/60-anos-ufsm](http://ufsm.br/60-anos-ufsm)



Aponte a câmera para o código  
e acesse com o seu celular!



